



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS

A TRADUÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO
DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (LE)

MARINA MENTOR SANTOS

CAMPINA GRANDE

2022

MARINA MENTOR SANTOS

A TRADUÇÃO COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO
DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS (LE)

Monografia a ser apresentada como crédito parcial
para conclusão do Curso de Letras - Inglês da
Universidade Federal de Campina Grande.

Orientadora: Profa. Dra. Sinara de Oliveira Branco

CAMPINA GRANDE

2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria, antes de tudo de agradecer à minha mãe, Flávia, por todo o suporte, amor e carinho.

Ao meu pai, Adonhiran, por todo o seu apoio, suporte e inspiração durante a minha vida acadêmica

Ao meu namorado, Gabriel, pelo imenso suporte e cuidado dado durante o período de escrita do trabalho

A todos os meus professores, pelo papel indispensável que cumpriram enquanto educadores e por todos os conhecimentos e experiências transmitidos

Gostaria de agradecer especialmente à minha banca, professora Vivian e professor Tone, por aceitarem fazer parte desse momento crucial de minha formação acadêmica, e por terem sido figuras de referência na minha formação enquanto professora

Finalmente, gostaria de agradecer profundamente à minha orientadora, professora Sinara, por ter me guiado de maneira tão esclarecedora e cuidadosa e ter me acompanhado durante todo o processo de planejamento e escrita do trabalho

RESUMO

Esta pesquisa tem como proposta investigar a tradução como ferramenta pedagógica no ensino de língua estrangeira (LE). Para isso, o arcabouço teórico está baseado nas ideias sobre tradução pedagógica defendidas por Malmkjaer (1998), Naimushin (2002) et al, Sandes e Pereira (2017), e Leonardi (2011). Apóia-se ainda nos conceitos de tradução oferecidos por Jakobson (2000) e Munday (2015); nas noções referentes à Análise Contrastiva levantadas por Wardhaugh (1970) e Al-Khresheh (2016) e nos princípios propostos por Barlow (1996) e McEnery e Wilson (1997) acerca do uso de *corpora* como ferramenta pedagógica. Para alcançar o objetivo proposto, foi realizada uma coleta bibliográfica de pesquisas dos gêneros Monografia, Mestrado, Doutorado e de publicações de artigos acadêmicos que investiguem a tradução como uma ferramenta válida para a aprendizagem de LE, além das diversas maneiras como a tradução pode ser aplicada no ensino de LE de maneira eficaz e construtiva. As pesquisas foram coletadas da plataforma da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), cujo acesso é disponibilizado pela CAFE (Comunidade Acadêmica Federada) da UFCG, trabalhos coletados da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UFCG, além de trabalhos coletados do periódico *Cadernos de Tradução*, disponibilizado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (UnB). As pesquisas e publicações selecionadas que representam o *corpus* deste trabalho serão organizadas em categorias, de acordo com o gênero textual, e analisadas seguindo o paradigma descritivo e quanti-qualitativo (MOREIRA; CALEFFE, 2008). Os resultados desta pesquisa mostram que a tradução pode ser aplicada como ferramenta pedagógica no ensino de LE com resultados positivos, sendo eles: Da monografia e 6 artigos científicos, 57% apresentam resultados favoráveis e 43% de resultados favoráveis com ressalvas ao uso da tradução em contexto de ensino de LE; as 8 dissertações apresentam 25% resultados favoráveis e 75% de resultados favoráveis com ressalvas a tal uso; e as 2 teses apresentam 100% de uso favorável da tradução em contexto de ensino de LE. Os resultados corroboram a ideia inicial de que a aplicação da tradução favorece o contexto de ensino de LE no Brasil.

Palavras-chave: tradução pedagógica, ensino de línguas estrangeiras, *corpora*, coleta bibliográfica

Ilustrações

Figura 1

Figura 2

Figura 3

Abreviações

LM – Língua Materna

LE – Língua(s) Estrangeira(s)

TF – Texto-Fonte

TA – Texto-Alvo

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
LISTAS	5
SUMÁRIO	6
INTRODUÇÃO	7
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	9
1.1 Estudos de Tradução	9
1.2 Tradução Pedagógica	11
1.3 Análise Contrastiva e Tradução	16
1.4 Corpora como Ferramenta Pedagógica	17
2 METODOLOGIA	20
3 ANÁLISE DOS DADOS	22
3.1 MONOGRAFIAS E ARTIGOS CIENTÍFICOS	22
3.1.1. Aspectos Positivos	22
3.1.2. Ressalvas	28
3.2 DISSERTAÇÕES	30
3.2.1. Aspectos Positivos	30
3.2.2. Ressalvas	41
3.3 TESES	44
3.3.1. Aspectos Positivos	44
3.3.2. Ressalvas	47
4 RESULTADOS	48
4.1 MONOGRAFIAS E ARTIGOS CIENTÍFICOS	48
4.2 DISSERTAÇÕES	49
4.3 TESES	51
5 CONCLUSÃO	52
REFERÊNCIAS	54
APÊNDICES E ANEXOS	57

INTRODUÇÃO

O uso de tradução como um recurso de aprendizagem de línguas estrangeiras (LE) é um tópico bastante controverso entre educadores. Ela é negada pela maioria dos professores, talvez pelo fato de as abordagens de ensino de LE mais vigentes (como a Abordagem Comunicativa e o Método Audiolingual, por exemplo) nas últimas décadas favorecerem o uso exclusivo da língua estrangeira, argumentando que utilizar a Língua Materna (LM) poderia interferir na capacidade do aluno de se expressar na Língua Estrangeira (LE), apesar de não haver estudos que comprovem essa crença (LIAO, 2006). Ao associar o uso da LM com a tradução, seu uso foi essencialmente banido da sala de aula (ZANETTIN, 2014).

Apesar da forma negativa com a qual a tradução é vista, ela ainda é frequentemente adotada, tanto dentro como fora da sala de aula. Um exemplo disso é que professores acabam por utilizar a tradução instintivamente como recurso mais eficaz de explicar vocabulário - por exemplo, quando o aprendiz pergunta o significado de uma palavra na LE, o professor responde com uma possível tradução da palavra em LM. A tradução é uma presença constante na vida das pessoas - afinal, a tradução é um “ato de comunicação,[...], que envolve fatores linguísticos, culturais, comunicativos e cognitivos” (LEONARDI, 2011, p.21, tradução nossa)¹. Não se pode esperar, portanto, que aprendizes de língua estrangeira não façam uso do método mais instintivo no processo de aquisição da segunda língua. Além disso, não se deve exigir que alunos não utilizem sua LM como referência nesse processo, pois ela é o único sistema linguístico internalizado pelo aprendiz no momento em que ele se propõe a adquirir uma LE, e é de se esperar que o mesmo seja usado como referência ao tentar desvendar um novo sistema - ao invés de “partir do zero” no processo de aquisição da LE. O aluno busca “ressignificar” o seu sistema de LM como ponto de partida para entender o sistema da LE.

Com isso em mente, pretendemos identificar pesquisas e publicações acadêmicas que investigam a tradução como uma estratégia válida de aprendizagem de LE, além das diversas maneiras com as quais ela pode ser aplicada no ensino de línguas de maneira eficaz e construtiva. Assim sendo, a pergunta norteadora desta pesquisa é: Os resultados das pesquisas identificadas acerca da tradução como ferramenta pedagógica em sala de aula de LE são a favor ou contrário a tal uso? Para respondê-la, traçamos os seguintes objetivos:

1 Na fonte: “Apart from being an act of communication, translation is a complex activity which involves linguistic, cultural, communicative and cognitive factors.”

Objetivo geral: **Compilar, quantificar e destacar os resultados das pesquisas desenvolvidas sobre a tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE.**

Objetivos específicos:

- a. Compilar pesquisas na linha Tradução e Ensino de LE.
- b. Organizar um *corpus* de textos acadêmicos (dissertações, teses, monografias e artigos científicos) a partir de sua compilação para identificar os resultados sobre Tradução e Ensino de LE.
- c. Quantificar e analisar os resultados das pesquisas compiladas para avaliação qualitativa dos dados envolvendo o ensino de LE a partir do uso da Tradução Pedagógica.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Estudos de Tradução

Os estudos de tradução se referem à área que estuda a teoria, prática e fenômeno da tradução (MUNDAY, 2016). A tradução tem uma história rica e extensa. Um dos mais notáveis documentos da área da tradução é a Pedra de Rosetta, um fragmento de basalto encontrado no final do século XVIII que contém três diferentes grafias do mesmo texto: em hieróglifos do Egípcio Antigo, em uma variante popular escrita egípcia da época, e em grego clássico (CAMPOS, 1986). A pedra data do século II a.C., mas há ainda registros da tradução que a antecedem. Um dos mais antigos registros de um documento traduzido é o poema Gilgamesh, poema sumério que foi traduzido para línguas asiáticas em meados de 2000 a.C. Estudar a tradução não é uma atividade de caráter objetivo por natureza - a tradução é analisada em diferentes contextos, com diferentes propósitos, o que a faz ser caracterizada de formas distintas, dependendo do contexto e da abordagem a serem tomados para tal estudo. Por exemplo, enquanto há áreas de pesquisa que atuam no âmbito da descrição empírica, há as escolas que se voltam para a teoria por trás dos vários aspectos (políticos, linguísticos, culturais, tecnológicos, geográficos, temporais, mercadológicos, por exemplo) que envolvem a tradução. Segundo Munday (2016, p.8 - tradução nossa)², a tradução, no campo de línguas, apresenta diversos significados:

- (1) o fenômeno ou campo geral do assunto ('Eu estudei tradução na universidade')
- (2) o produto - ou seja, o texto que foi traduzido ('Publicaram a tradução árabe do relatório')
- (3) o processo de produção da tradução, também conhecido como tradução ('serviço de tradução') (MUNDAY, 2016, p.8)

Ainda segundo Munday (2016, p. 8), o processo de tradução consiste em traduzir um Texto-Fonte (TF) para um Texto-Alvo (TA). Um texto escrito em português do Brasil (TF), ao ser traduzido para inglês (TA), apresenta o português brasileiro como língua fonte e o inglês como língua alvo.

2 Fonte: "(1) the general subject field or phenomenon ('I studied translation at university')(2) the product – that is, the text that has been translated ('they published the Arabic translation of the report')(3) the process of producing the translation, otherwise known as translating ('translation service')."

Jakobson (2000) nos traz sua definição dos tipos de tradução existentes: tradução interlingual, tradução intralingual e tradução intersemiótica. A tradução intralingual é aquela que ocorre dentro de uma única língua, quando um texto em tal língua é resumido, reescrito ou reimaginado de alguma forma. Um exemplo são as versões adaptadas de obras literárias para o público infantil, que se utilizam de uma linguagem adequada para crianças, ou, como se vê comumente em escolas de línguas, quando o professor explica um conceito ou vocabulário novo para o aluno na própria língua estudada, fazendo uso de vocabulário já conhecido pelo estudante. A tradução intersemiótica se refere à transferência e interpretação de signos verbais através de meios não verbais, como a adaptação de uma obra literária para um filme, como visto na série de livros *Senhor dos Anéis*, ao ser adaptada para o meio cinematográfico, ou a adaptação do livro *A String of Pearls: A Romance* para um musical da Broadway imaginado por Stephen Sondheim, intitulado *Sweeney Todd, The Demon Barber of Fleet Street*, que em seguida é adaptado para cinemas por Tim Burton. A tradução interlingual diz respeito à transferência de conteúdo em uma língua para o seu equivalente em outra língua - e é o conceito mais presente na mente das pessoas quando se fala em tradução. Por mais que aparente ser um conceito simples e um tanto objetivo, a tradução interlingual se manifesta em diferentes estratégias: Tradução Direta, Adaptação, Localização, Naturalização e outras. Com isso, observamos o quão subjetivo e suscetível à discussão é o ato de “traduzir”.

Ao tentar estabelecer uma “base comum” em termos de estudos de tradução, Chesterman e Arrojo (2000, p.152) chegaram aos seguintes pontos:

1. Estudos de Tradução – ou qualquer pesquisa sobre tradução – busca entender o fenômeno da tradução, de qualquer forma em que for definida ou praticada.
2. Qualquer definição de qualquer coisa é limitada pela teoria, então não existe uma definição totalmente objetiva de "tradução" que possamos tomar como certa antes de começarmos a estudá-la, já que nunca haverá qualquer definição de tradução que será completamente abrangente. [...] (CHESTERMAN; ARROJO, 2000, p. 152)³.

Levando em consideração Chesterman e Arrojo (2000), utilizamos a definição de tradução estabelecida por Leonardi (2011, p. 21, tradução nossa)⁴: “ato de comunicação,[...], que envolve fatores linguísticos, culturais, comunicativos e cognitivos”, para fins de lidar com a

3 Na fonte: “1.Translation Studies (TS) – or any research on translation – seeks to understand the phenomenon of translation, however this is defined and practiced.2.Any definition of anything is theory-bound, so there is no such thing as a totally objective definition of “translation” that we can take for granted before we start studying it, as there will never be any definition of translation that will be all-inclusive....”

4 Na fonte: “Apart from being an act of communication, translation is a complex activity which involves linguistic, cultural, communicative and cognitive factors.”

tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, tendo em vista como a mesma abrange fatores não só presentes, mas também muito importantes no contexto de aprendizagem de LE.

É relevante, ainda, trazer as noções presentes na Abordagem Funcionalista da Tradução de Nord (2016), que defende que o principal aspecto em torno do processo de tradução é a função pretendida do texto alvo. Segundo a autora, para determinar tal função, é necessário considerar diversos aspectos que indicarão a situação de comunicação na qual o texto alvo pretende ser circulado. Esses aspectos incluem o público pretendido, o tempo, o meio utilizado, etc. Ainda em relação à Abordagem Funcionalista da Tradução, a autora atenta para a necessidade da análise textual no processo de tradução, principalmente em relação ao TF. Uma série de fatores devem ser considerados ao se realizar a análise textual do TF, fatores estes tanto intratextuais como extratextuais. Fatores intratextuais consistem em, entre outros, a sintaxe da língua; o léxico utilizado; os elementos não verbais presentes no texto; a estruturação do texto; suas características suprasegmentais; além, claro, do assunto (ou assuntos) e do conteúdo do texto. Fatores extratextuais, por outro lado, incluem pontos como: o emissor do texto e a sua intenção; o público para qual o texto é voltado, o meio, ou seja, o veículo onde o texto é publicado; o lugar, tanto de origem do TF, como de publicação do texto-alvo; a relevância do tempo, tanto em relação à época de publicação original do TF, como em relação à época em que o TA foi publicado; o motivo, ou seja, a razão pela qual o texto foi criado; e, finalmente, a função textual, que se refere à função ou funções comunicativas exercidas pelo texto, que advém da combinação específica dos fatores extratextuais já mencionados.

A Abordagem Funcionalista de Nord ganhou muita popularidade desde seu surgimento, pois apresenta uma visão bastante completa e compreensiva do processo de tradução e da análise de texto necessária para tal processo, atentando a diversos aspectos importantes que permeiam o texto e que devem ser considerados. Ela também se mostrou bastante relevante no contexto de ensino de LE, justamente por apresentar um foco tão extenso no processo de análise textual e noções que auxiliam o professor a trabalhar a tradução e a compreensão textual em sala de aula de maneira abrangente.

1.2 Tradução Pedagógica

A tradução é um dos métodos mais antigos registrados utilizados para aprender uma língua estrangeira. No final do século XVIII, temos o surgimento do Método Gramática-Tradução (COOK, 2010), que realizava a tradução de frases prontas, soltas e fora de contexto, com o intuito de desenvolver vocabulário e aprender as regras estruturais da língua estudada. Essa metodologia refletia o objetivo da grande maioria dos estudantes de LE da época, que era a aquisição da língua estrangeira para fins de leitura. Apesar de ter continuado a ser a metodologia mais popular por várias décadas, começou a surgir cada vez mais uma necessidade de aprender uma língua estrangeira para fins comunicativos. Daí surgem métodos como o Método Direto e o Método Comunicativo, que focam na produção oral dos alunos, precedendo a escrita, e banindo a Língua Materna e a tradução de sala de aula, focando na “capacidade natural” dos alunos de aprender uma língua, além da tentativa de replicar condições “autênticas” de uso da língua (MUNDAY, 2016). Por mais que se deva reconhecer a validade da abordagem comunicativa e do cuidado em apresentar situações “autênticas” de uso da língua, é inviável a ideia de que um aluno de LE possa deixar a sua Língua Materna de lado, pois a LM faz parte da identidade de cada um e está diretamente ligada a como indivíduos interpretam o mundo ao seu redor. Além disso, é difícil esperarmos que um aluno de LE aprenda a LE da mesma maneira e com a mesma eficácia com a qual aprendeu sua Língua Materna em um contexto e ambiente não bilíngue. Entretanto, o contexto bilíngue não será considerado nesta pesquisa.

Segundo Malmkjaer (1998), há várias críticas em relação ao uso da tradução em sala de aula. Dentre elas:

1. A tradução é radicalmente diferente e independente das quatro habilidades (escuta, fala, leitura e escrita), e utiliza tempo que poderia ser gasto nas mesmas;
2. A tradução não é natural e leva os alunos a pensar, erroneamente, que existe uma correspondência exata entre as duas línguas;
3. A tradução encoraja os alunos a manter a Língua Materna em mente, produzindo interferência e impedindo que o aluno pense na Língua Estrangeira;
4. A tradução é um péssimo jeito de testar as quatro habilidades, pois não se pode compor de maneira livre e natural na LE com a LM sempre presente como TF. (MALMKJAER, 1998, p.6, tradução nossa)⁵

5 Na fonte: “Translation: is independent of the four skills which define language competence: reading, writing, speaking and listening;[...]; is unnatural; misleads students into thinking that expressions in two languages correspond one-to-one; prevents students from thinking in the foreign language;[...]; is a bad test of language skills.”

Ao analisar mais profundamente os pontos listados, é possível encontrar algumas falhas nos argumentos. O primeiro ponto diz: “A tradução é radicalmente diferente e independente das quatro habilidades (...)”, mas isso não é o que acontece na realidade. Não só a tradução vai trabalhar diretamente com as habilidades de leitura e escrita, tanto com atividades de leitura e interpretação de texto como com produções textuais, as habilidades de fala e escuta também vão estar presente, pois os alunos são encorajados a discutir oralmente com seus colegas e professor sobre o processo de tradução e as escolhas linguísticas sendo feitas (inclusive argumentar a favor ou contra escolhas linguísticas específicas). De acordo com Leonardi (2011), a tradução complementa as outras quatro habilidades linguísticas, sendo considerada até uma quinta habilidade por alguns pesquisadores (NAIMUSHIN, 2002 et al). Segundo Sandes e Pereira (2017, p.233), “[...] a tradução pedagógica procura desenvolver as habilidades envolvidas no ato da tradução”. Essas habilidades incluem a competência linguística, pois ao traduzir, alunos devem lidar com o significado: devem atentar a questões de gramática, estruturas linguísticas, além do tipo de texto que está lendo, o tema do qual ele trata e suas funções. Esse tipo de interatividade com a língua, segundo as autoras, desperta no aluno a consciência da diferença entre as duas línguas (LM e LE), e o entendimento de que não existe uma equivalência exata entre as duas.

O segundo ponto sugere que a tradução não é uma atividade natural, mas quem atua ou somente esteve presente em sala de aula de LE sabe que não é bem assim. Não só alunos, mas professores também acabam por fazer uso da tradução em sala de aula de maneira instintiva, como forma eficaz para explicar um vocabulário ou conceito específico. Leonardi (2011) chega a classificar a tradução como uma atividade cognitiva que ocorre naturalmente. Além disso, o segundo ponto defende que o uso da tradução vai levar o aluno a pensar que existe uma correspondência exata entre as duas línguas. Essa é uma lógica que, reconhecidamente, está presente em um grande número de alunos, principalmente iniciantes. É natural que, ao estudar uma língua estrangeira, o aprendiz vá buscar equivalências entre a LE e sua LM, pois a LM é o seu principal (e muitas vezes único) ponto de referência no campo da linguagem. Mas, ao introduzir a tradução em sala de aula, o aprendiz vai, conseqüentemente, ficar mais ciente das diferenças entre as duas línguas, compreendendo que a relação entre ambas é mais complexa do que imaginava. A tradução provê uma oportunidade de o aluno entrar em contato com e

reconhecer as idiossincrasias e complicações da LE, fomentando uma noção mais completa e compreensiva da LE no aprendiz.

Essa linha de raciocínio nos leva ao terceiro ponto, que posta que manter a LM em mente na sala de aula de LE vai causar interferência e impedir uma imersão completa na LE. Segundo Cook (1999), a LM está presente em todas as atividades em sala de aula. O que deve ser considerado é se ela se manifesta de maneira visível ou invisível. É impossível esperar que um aluno deixe sua língua materna de lado por completo. Pesquisas demonstram que aprendizes de língua estrangeira utilizam sua língua materna como referência para auxiliar no processo de aquisição, ou seja “traduzem silenciosamente” (TITFORD 1985, p. 78, tradução nossa)⁶. É inevitável que a LM cause algum tipo de interferência na LE – o que é evidenciado pela própria existência de ocorrências como cognatos e falsos cognatos – por que, então, não guiar o aluno a não só lidar com essa interferência, mas aprender a utilizá-la de maneira mais proveitosa? Atividades de tradução podem levar o aluno a tornar-se mais ciente de seu processo de aprendizado, o que, conseqüentemente, torna-o mais apto a lidar com e até diminuir a interferência da LM no processo de aprendizado da LE, além de torná-lo mais autônomo como aluno de LE (SANDES; PEREIRA, 2017). Sandes e Pereira (2017) afirmam ainda que, ao traduzir, o aluno passa a perceber as diferenças entre as línguas através da análise contrastiva, o que o torna mais motivado para aprender, pois se percebe capaz de traduzir mensagens de uma língua para outra, o que, por sua vez, os torna mais confiantes. Corder (1981), inclusive, propõe substituir a ideia de “interferência” com a ideia de “intercessão” – ajudando o aprendiz a utilizar de maneira mais direcionada uma estratégia que ele já está adotando naturalmente.

Atividades de tradução, como podemos ver, podem proporcionar ao aluno diversas ferramentas no processo de aprender uma LE. Além dos fatores já citados, a tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE pode também auxiliar o aluno no desenvolvimento de sua competência cultural. É comum que alunos tentem encontrar equivalências exatas entre as duas línguas, pois não concebiam a ideia de que a LE funcionasse de maneira diferente que a sua LM. De acordo com Sandes e Pereira (2017), ao entrar em contato com expressões idiomáticas, contextos e ideias diferentes, o aluno passa a perceber que pessoas de lugares diferentes pensam e vivem de maneiras diferentes também. Nas palavras das autoras:

Muitas vezes, os alunos não têm consciência de que a língua é formada por uma cultura e que pessoas diferentes pensam diferente. A tradução salienta essa análise contrastiva da cultura e esse despertar cultural também propicia a

6 Na fonte: “translate silently”

discussão sobre o respeito ao diferente: a alteridade. Além de aumentar a percepção da própria conduta como algo cultural e não natural, contribui para a formação da própria identidade cultural em relação ao outro. (SANDES; PEREIRA, 2017, p. 234)

As atividades de tradução contribuem com o desenvolvimento da consciência cultural não só em relação à cultura da LE, mas também em relação à cultura da LM do aprendiz, o que proporciona oportunidades bastante ricas de aprendizado, além de proporcionar ocasiões propícias para discussões em sala de aula, sempre bem-vindas no ensino de LE. Atividades de tradução irão naturalmente envolver atos de comunicação, pois a tradução por si só já é um ato comunicativo (LEONARDI, 2011). Além disso, ao propiciar aos alunos momentos comunicativos que tratam de temas diferentes, mas em um ambiente que aceita a tradução como ferramenta pedagógica, o aluno tem a oportunidade de desenvolver seu vocabulário. Quando o aluno não pode se apoiar na LM, pode acabar se prendendo às palavras e formas já conhecidas na LE, sem adicionar ao seu repertório. Nas palavras de Sandes e Pereira (2017):

Muitas vezes, quando o aluno não sabe como dizer uma palavra, recorre ao recurso de explicação ou reformulação da sua fala, o que é visto como positivo, pois o aluno utiliza estratégias comunicativas para manter a comunicação. No entanto, isso impede que o aluno aprenda novas formas, já que recorre à forma conhecida sempre que não sabe algo. Na tradução, ele se depara com o desconhecido e precisa pesquisar (ou perguntar ao professor) formas de dizer o que precisa. (SANDES e PEREIRA, 2017, p.234)

Segundo estudiosos como Brown (1997) e Kumaravadivelu (2001), o ensino de línguas encontra-se numa era “pós-método” - ou seja, não se deve assumir especificidades sobre o contexto de ensino sem antes entrar no contexto em si. Não se deve esperar que o professor adira a apenas uma metodologia de ensino o tempo inteiro - os diferentes contextos necessitam de diferentes aspectos de diversas metodologias em momentos específicos (BROWN, 1997). Por esse motivo a escolha por adotar abordagens que focam na produção oral, como o Método Comunicativo, não necessariamente impede a possibilidade de haver um lugar para a LM ou para a tradução em sala de aula, especialmente quando consideramos o caráter comunicativo presente no ato de traduzir, como já estabelecido anteriormente. Vários adeptos do Método Comunicativo acabam recorrendo à tradução em sala de aula para esclarecer instruções dadas, verificar compreensão ou explicar um vocabulário desconhecido, principalmente com aprendizes iniciantes, ações estas que acabam por facilitar o andamento da aula (SOUZA CORRÊA, 2014).

Há inclusive estudiosos que defendem a concepção da tradução como a quinta habilidade linguística, entre eles Naimushin (2002), Souza Corrêa (2014) e Ayachia (2018). Aprendizes de LE raramente buscam aprendê-la somente com o propósito de se comunicar na mesma. Em diversas ocasiões falantes de LE se encontram na posição de intérprete entre falantes monolíngues, tendo que traduzir pequenas frases e/ou vocábulos. Além disso, existe a noção errônea de que, ao chegar em um certo nível de proficiência, o falante de LE será automaticamente capaz de traduzir/interpretar satisfatoriamente - a tradução e a interpretação de texto são, na verdade, habilidades específicas que requerem treino (NAIMUSHIN, 2002). Ainda segundo Naimushin (2002), o ensino de técnicas de tradução não deve ser confundido com o treinamento de tradutores profissionais. Em uma analogia emprestada do autor, ao ensinar-se gramática para aprendizes de LE, não espera-se que se tornem gramáticos, mas sim que os alunos tenham à sua disposição ainda outra ferramenta de apoio na aquisição da LE.

Atividades de tradução resultam em discussões animadas em sala de aula, com alunos defendendo e argumentando a favor de suas escolhas, o que não só os ajuda a desenvolver suas habilidades orais na LE, mas também os auxilia a entender de maneira mais profunda como a mesma funciona. Como visto anteriormente, a tradução tem o potencial de auxiliar o progresso de aquisição de LE em diversas frentes, o que ressalta a necessidade de melhor entender como utilizá-la da maneira mais proveitosa possível em sala de aula.

1.3 Análise Contrastiva e Tradução

A Análise Contrastiva (AC) foi desenvolvida pela primeira vez por Charles Fries, em 1945, (AL-KHRESHEH, 2016, p. 331) como parte integral da metodologia de ensino de LE. Segundo Fries, aprendizes de L2 tenderão a transferir as características formais de seus enunciados em L1 para seus enunciados em L2, fato este que deve ser considerado ao se ensinar a L2 (AL-KHRESHEH, 2016). A AC pode ser dividida em duas diferentes abordagens: a versão forte e a versão fraca.

A versão forte defende a ideia que ao contrastar o par de línguas (materna e estrangeira), é possível prever quais dificuldades o aluno terá no processo de aquisição da segunda língua. Idealmente, o material didático de aprendizes de LE é elaborado com base em uma comparação sistemática entre LM e LE - segundo Fries (1945, p.9, tradução nossa)⁷, “os materiais [didáticos] mais eficientes são os baseados em uma descrição científica da língua a ser aprendida,

⁷ Na fonte: “The most efficient materials are those that are based upon a scientific description of the language to be learned, carefully compared with a parallel description of the native language of the learner.”

cuidadosamente comparada a uma descrição paralela da língua nativa do aprendiz”. Curiosamente, Wardhaugh (1970), afirma que por mais que linguistas afirmem utilizar a versão forte da AC em seus trabalhos, nenhum deles realmente aderiu a seus requerimentos em tais trabalhos. Ademais, o autor afirma que a AC deve fazer uso de teorias demandadas por linguistas, mas nem sempre é possível atender a essa demanda. Nas palavras de Wardhaugh (1970, tradução nossa):

No mínimo, esta versão exige dos linguistas que eles tenham disponível um conjunto de universais linguísticos formulados dentro de uma teoria linguística abrangente que lida adequadamente com sintaxe, semântica e fonologia. Além disso, requer que eles tenham uma teoria da linguística contrastiva em que podem inserir descrições linguísticas completas das duas línguas sendo contrastadas de modo a produzir o conjunto correto de contrastes entre as duas línguas. (WARDHAUGH, 1970, p.4, tradução nossa)⁸

Com o passar do tempo, foi-se percebendo que essa noção de análise contrastiva é imprecisa. Segundo Gast (2013) uma das principais críticas em relação à AC é seu foco extenso na interferência linguística como fonte de “erros”, e pouca (ou nenhuma) atenção dada a outros aspectos e fatores presentes no processo de aquisição de línguas, como idade, método de aquisição, ou até se é a segunda ou terceira língua que o aprendiz está estudando. A fins de esclarecimento, a noção de erro aqui considerada se refere às chamadas “transferências negativas”, que, segundo Al-Khresheh (2016), são: Superprodução, Subprodução, Má Interpretação e Produção. A superprodução consiste na produção de uma certa estrutura em L2 em frequência maior que falantes nativos, muitas vezes produto da subprodução - alunos utilizam estruturas que lhe parecem corretas. Na subprodução, também conhecida como “evasão”, alunos de L2 evitam o uso de estruturas, geralmente complexas, em L2. A má interpretação consiste em estruturas em L1 afetando a interpretação de enunciados em L2. A produção pode ser classificada em seis categorias: substituição, calque, sub-diferenciação, super diferenciação, hipercorreção e alterações de estrutura. Em resposta à versão forte e às críticas direcionadas à mesma, cria-se a versão fraca da AC, que se propõe apenas a identificar e explicar os “erros” observados, cumprindo uma função mais diagnóstica que preventiva (AL-KHRESHEH, 2016).

Em 1957, Robert Lado desenvolve pela primeira vez uma formulação sistemática e extensa da Hipótese Contrastiva (TAJAREH, 2015, p. 1106), afirmando que contrastar duas

⁸ Na fonte: “At the very least this version demands of linguists that they have available a set of linguistic universals formulated within a comprehensive linguistic theory which deals adequately with syntax, semantics, and phonology. Furthermore, it requires that they have a theory of contrastive linguistics into which they can plug complete linguistic descriptions of the two languages being contrasted so as to produce the correct set of contrasts between the two languages.”

línguas ajuda a prever quais características apresentariam dificuldade ou facilidade no aprendizado de uma segunda língua, devido à percepção das diferenças e semelhanças entre ambas as línguas. Tais estudos acerca da AC serviram para trazer à tona esse importante aspecto do processo de aquisição de LE, além de inspirar vários estudos e reflexões sobre o tema, enriquecendo o leque de informações que possuímos atualmente acerca do processo de ensino-aprendizagem de LE.

1.4 *Corpora* como uma Ferramenta Pedagógica

O uso de *corpora* na aprendizagem e no ensino de línguas remonta à década de 1980, quando os mesmos surgem em sua forma atual como coleções eletrônicas de textos sistematicamente organizadas (AL-GAMAL;ALI, 2019, p. 473i). Segundo Brysbaert, Mandra e Keuleers (2017, p.3, tradução nossa)⁹, *corpora* são “grandes bancos de dados de ocorrências naturais da linguagem”, o que os torna ideais para o acesso a instâncias de uso autêntico da L2.

Segundo Huang (2011), os dados do *corpus* enriquecem o processo de aprendizagem de línguas e são considerados um recurso essencial na aprendizagem e no ensino. Nas palavras de Barlow (1996): “*Corpora*, (...), podem revelar não apenas a gama de padrões de uma linguagem que o aprendiz deve assimilar, mas também sua frequência, que é um fator importante no desenvolvimento de materiais e no design do currículo” (BARLOW, 1996, p. 2, tradução nossa)¹⁰.

Pelo uso de *corpora* na aprendizagem e ensino de línguas ser recente, há professores que argumentam que utilizar *corpora* é uma atividade não só exigente em seu aspecto técnico, como também consome muito tempo, além de deixar alunos confusos com a quantidade de informação apresentada. Essas dificuldades seriam solucionadas com treinamento apropriado para professores acerca de como aplicar *corpora* linguísticos em sala de aula (AL-GAMAL; ALI, 2019). Além disso, segundo McEnery e Wilson (1997), o uso de *corpora* ao aprender uma LE vai fazer com que alunos desenvolvam um confronto direto com os dados. Ao ser apresentado a instâncias reais de uso da LE, o aluno é forçado a participar ativamente do processo de aprendizagem. McEnery e Wilson (1997) elencam uma série de aspectos que podem ser usados para descrever a aprendizagem de LE através do uso de *corpora*:

9 Na fonte: “Corpus linguistics refers to the study of language through the empirical analysis of large databases of naturally occurring language, called corpora (singular form: corpus).”

10 Na fonte: “Corpora (...) can reveal not only the range of patterns of a language that the learner must assimilate, but also their frequency, which is an important factor in materials development and syllabus design.”

- Aprendizagem de Descoberta: o aluno ao interpretar os dados por conta própria, vai por si só descobrindo diversos aspectos da LE;
- Aprendizagem Divergente: alunos diferentes vão absorver informações diferentes ao analisar um *corpus* - alunos devem, então, compartilhar informações entre si para fins de um entendimento mais abrangente dos diferentes aspectos linguísticos analisados;
- Aprendizagem Mediada: o *corpus* não como fonte, mas como meio de aprendizagem - ela se dá através de como o aluno interage e retira informações do corpus, e não através do conteúdo do corpus por si só;
- Aprendizagem Direcionada: a aprendizagem através do *corpus* é apenas guiada pelo professor, que lhes dá uma direção geral a ser seguida. Os alunos são responsáveis, tanto individualmente como em grupo, por extrair as informações relevantes do *corpus*.

Enquanto o uso de *corpora* é relativamente recente, o aumento de plataformas gratuitas disponíveis na internet, como por exemplo o *Linguee*, facilitam o acesso às mesmas - professores com acesso à internet em sala de aula, por exemplo, podem consultá-la a qualquer momento para responder aos questionamentos dos alunos. Com essas ferramentas cada vez mais acessíveis, realça-se a importância de incluí-las de maneira mais deliberada no ensino da língua.

Corpora contém textos autênticos onde o aluno tem a oportunidade de interagir com a LE da maneira como ela realmente funciona. Ao pesquisar termos específicos, o aprendiz pode se deparar com os diversos sentidos que os termos apresentam e os diferentes contextos nos quais eles podem aparecer. Esse contato ajuda a expandir não só o vocabulário do aluno de LE, mas também seu entendimento das estruturas linguísticas e até da gramática da LE. Atividades com *corpora* são ideais para tratar de conceitos linguísticos e gramaticais com alunos, como, por exemplo, como são utilizadas diferentes estruturas, ou em que instâncias construções específicas são utilizadas, etc. *Corpora* que são bilíngues, como o *Linguee*, ainda oferecem a oportunidade de trabalhar com uma análise contrastiva das duas línguas (LE e LM), onde o aluno pode desenvolver seus conhecimentos em ambas as línguas.

2 METODOLOGIA

A pesquisa em questão consiste em uma coleta bibliográfica de trabalhos acadêmicos que lidam com a tradução como ferramenta pedagógica aplicada ao ensino de LE. A coleta dos trabalhos foi realizada a partir da plataforma CAFE (Comunidade Acadêmica Federada), que permite o acesso remoto ao conteúdo assinado do Portal de Periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Além disso, foram coletados artigos do periódico *Cadernos de Tradução*, acessado através do portal de periódicos da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da UFCG, da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da UFSC, e trabalhos presentes na Biblioteca Central da Universidade de Brasília (UnB).

O procedimento adotado para realização da pesquisa proposta consiste em uma busca realizada nas plataformas mencionadas pelos seguintes termos: “tradução”, “tradução e ensino”, “tradução pedagógica”. Em seguida, foram selecionadas pesquisas que apresentam relatos e resultados provenientes da aplicação, real e prática, da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de 4 línguas estrangeiras: alemão, inglês, espanhol e japonês. O *corpus* selecionado consiste em: 6 (seis) artigos; 1 (uma) monografia; 8 (oito) dissertações; e 2 (duas) teses. Na busca inicial foram encontrados 40 (quarenta) textos, mas 23 (vinte-e-três) foram descartados por não atenderem ao critério de apresentarem resultados provenientes do uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. Dos trabalhos selecionados, serão retiradas informações das seções: ‘resumo’, ‘metodologia’, ‘resultados’, e ‘considerações finais’, a fim de focar nos dados relevantes para que os objetivos da presente pesquisa sejam atendidos. Os trabalhos selecionados foram organizados inicialmente em três categorias, criadas de acordo com o tipo de texto: dissertações, teses, e monografias e artigos científicos. Em seguida, os trabalhos foram divididos em categorias definidas de acordo com os resultados apontados por cada um em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica, sendo estas: favorável, favorável com ressalvas, e não favorável ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. Posteriormente, os resultados dos trabalhos serão analisados seguindo o paradigma descritivo e quanti-qualitativo (MOREIRA; CALEFFE, 2008), análise esta feita sob a luz dos estudos feitos sobre a tradução e sua aplicação ao ensino de línguas para fins de atingir os objetivos de pesquisa pretendidos (p.5). A análise dos resultados vai incluir os principais aspectos citados em relação à

tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, as ressalvas destacadas nos resultados das pesquisas, além de quaisquer críticas presentes ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. A título de esclarecimento, as ressalvas aqui citadas se referem a possíveis problemas relacionados ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE apontados no *corpus*.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 MONOGRAFIAS E ARTIGOS CIENTÍFICOS

Nesta seção, será realizada a análise de dados das monografias e artigos científicos que compõem o *corpus* do presente trabalho. A análise será feita com base nos aspectos relevantes apontados em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica, além das ressalvas levantadas em relação ao mesmo. A análise será apoiada pela fundamentação teórica do presente trabalho, além de eventuais citações relevantes retiradas do texto do *corpus*

3.1.1 Aspectos Positivos

Na análise dos dados, foram identificados alguns aspectos positivos em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, alguns deles sendo citados por mais de um texto. Estes são:

1. A tradução auxilia no desenvolvimento da competência linguística

Dos 7 (sete) textos analisados, 5 (cinco) mencionam o desenvolvimento da competência linguística dos alunos após o uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, constituindo 71.5% dos textos analisados.

No processo tradutor, o aluno deve atentar ao funcionamento das estruturas linguísticas, e o que elas indicam em termos de sentido. Ao ter que realizar uma análise mais minuciosa de diferentes textos, o aprendiz de LE acaba interagindo de maneira mais deliberada com aspectos estruturais, gramaticais e lexicais da LE. No momento em que o aluno é convidado a considerar diversas facetas da LE e da LM no processo tradutor, tais como questões culturais, estruturas linguísticas, gramática, etc., ele está expandindo as noções que possui tanto sobre a LE como sobre a sua LM. Ao ter que refletir como uma estrutura linguística pode ser representada em outra língua, o aluno vai refletir sobre como funciona tanto a LM como a LE. Além disso, passam a

perceber que a língua não engloba apenas questões de cunho gramatical, mas também aspectos culturais importantes que devem ser considerados.

Segundo Sandes e Pereira (2017), o aluno, ao realizar uma tradução ou atividade de tradução, vai, inicialmente, lidar com o significado: a gramática, as estruturas adotadas, as expressões utilizadas, o tipo de texto e o tema do assunto. Ao ter que analisar esses aspectos não só individualmente, mas em relação ao seu funcionamento em conjunto, o aluno torna-se mais ciente do funcionamento da LE e do seu processo de aprendizagem. Essa consciência permite ao aprendiz ser mais cuidadoso e deliberado em suas escolhas linguísticas, além de fomentar um entendimento mais profundo do funcionamento da LE.

Atividades de tradução também lidam fortemente com o processo de interpretação de texto e construção de significado, o que torna a Abordagem Funcionalista de Nord (2016) um grande ponto de referência para educadores que desejam incluir a tradução em suas aulas de LE, pois a Abordagem Funcionalista não só dá grande atenção ao processo de análise textual, ela também elenca uma série de aspectos intra e extratextuais que devem ser considerados no ato da tradução. Esse foco compreensivo no texto e em seus diversos aspectos, além de como esses aspectos funcionam em conjunto e interagem entre si, ajuda o aluno a refletir de maneira mais contextualizada e deliberada sobre o funcionamento da LE e as suas estruturas, o que, conseqüentemente, auxilia no desenvolvimento da sua capacidade linguística em LE. Segundo os autores do Texto 5:

[...] os alunos do grupo B produziram textos em língua espanhola sintaticamente e semanticamente mais funcionais e adequados à cultura do receptor de fala hispânica do que os alunos do grupo A, pois refletiram sobre a intensão do emissor, o receptor deste texto, o lugar, o tempo, o motivo e a função textual. (PONTES; LOPES; BERENBLUM, Texto 5, 2020 p. 817)

2. A tradução auxilia no desenvolvimento da competência cultural

Dos 7 (sete) textos analisados, 4 (quatro) mencionam o desenvolvimento da competência cultural dos alunos após o uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, constituindo 57% dos textos analisados.

Segundo Sandes e Pereira (2017), ao ter que entrar em contato com elementos culturais, expressões idiomáticas e estruturas linguísticas diferentes, o aluno passa a perceber que a LE também representa outros contextos culturais, outros jeitos de viver e de pensar. O aluno pode não perceber esses fatores naturalmente, tornando a atividade de tradução uma maneira eficiente de tratar do assunto em sala de aula, ajudando o aluno a desenvolver sua competência cultural tanto na LE como na LM.

Ao trabalhar com textos autênticos, o aluno é apresentado a elementos culturais e expressões idiomáticas da LE, elementos importantes a se considerar no processo tradutor. Ao traduzir, os alunos devem levar em consideração o público para o qual estão escrevendo, além do público ao qual o texto-fonte era voltado e, conseqüentemente, entrar em contato com aspectos da cultura da LE. O fato de se trabalhar elementos culturais da LE com o objetivo de realizar uma tradução adequada faz com que o aluno interaja com essa faceta do processo de aprendizagem com um sentimento maior de propósito, podendo perceber a importância em conhecer tais elementos culturais no seu processo de aprendizagem. Segundo a autora do Texto 3:

Esse tipo de atividade utilizando tradução intersemiótica mostra o envolvimento dos alunos em um processo que vai além de questões linguísticas, fazendo-os trabalhar conceitos culturais, de aceitação e respeito ao novo, ao diferente, trabalhando, também, formas de comunicação e diferenças culturais que os auxiliam a enxergar o diferente de forma positiva. (BRANCO, Texto 3, 2011, p. 172)

3. A tradução auxilia no desenvolvimento da competência comunicativa

Dos 7 (sete) textos analisados, 3 (três) mencionam o desenvolvimento da competência comunicativa dos alunos após o uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, constituindo 43% dos textos analisados.

Ao interagir com textos e produções autênticas em LE, o aluno tem a possibilidade de entrar em contato com diversos elementos culturais e linguísticos, com os quais ele deve dialogar para extrair significado, interpretando os dados por si só (MCENERY; WILSON, 1997). Além disso, segundo Leonardi (2011), a tradução consiste em um “ato de comunicação,(...), que envolve fatores linguísticos, culturais, comunicativos e cognitivos”. Alunos são convidados a

defender as escolhas feitas no processo de tradução, assim como a escutar e entender os argumentos de seus colegas em relação às suas escolhas individuais. Essa interação direcionada com textos autênticos e as discussões originadas do processo tradutor em sala de aula são momentos que desenvolvem a prática comunicativa no aluno de LE.

Segundo Sandes e Pereira (2017), nas atividades de tradução o aluno vai encontrar novas palavras e estruturas na LE, que ele vai então poder pesquisar sobre e adicionar ao seu repertório linguístico na LE. Esse processo desenvolve uma maior precisão na produção linguística da LE, pois o aluno vai ser mais consciente de como a LE funciona e vai tornar-se mais cuidadoso com suas escolhas linguísticas. Essa atenção ao sentido e ao funcionamento da língua. Ao considerar esses elementos com cuidado, o aluno está pensando no ato de comunicação, e em todos os elementos que o permeiam, elementos estes que também são considerados no ato de tradução. Além disso, a era pós-método (BROWN, 1997; KUMARAVADIVELU, 2001) na qual se encontra o ensino de línguas é prova da necessidade de ser flexível em relação a como adotar determinadas metodologias ou abordagens. O Método Comunicativo, por exemplo, não precisa ser sinônimo com o não uso da tradução ou da LM em sala de aula, e que elas podem sim fazer parte do processo de aprendizagem de maneira positiva (SOUZA CORRÊA, 2014). Segundo o autor do Texto 6:

O desenvolvimento da competência comunicativa através das atividades tradutórias acontece de uma forma dinâmica e vai de encontro a uma tradição de uso passivo da tradução. Nessa nova abordagem comunicativa, os alunos japoneses são levados a questionar a sua própria realidade linguística e cultural ao mesmo tempo que ponderam e dão maior importância para o seu interlocutor brasileiro, que é oriundo de um contexto cultural tão diferente. (MARQUES, Texto 6, 2021, p. 124)

4. A tradução trabalha e ajuda a desenvolver as quatro habilidades (fala, escuta, escrita, leitura)

Dos 7 (sete) textos analisados, 2 (dois) mencionam o desenvolvimento das quatro habilidades linguísticas em LE por parte dos alunos após o uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, constituindo 28.5% dos textos analisados.

Ao realizar atividades de tradução textual o aluno vai, notoriamente, trabalhar sua habilidade de leitura, ao interpretar e analisar os dados do TF, e sua habilidade de escrita ao elaborar a tradução do TF. Além das duas habilidades evidentes trabalhadas nas atividades de tradução, o aluno também tem a oportunidade de trabalhar suas habilidades de fala e escuta, ao discutir o processo de tradução em sala de aula. Alunos desenvolvem sua habilidade argumentativa ao defender escolhas feitas no processo tradutor e, além disso, devem trabalhar a habilidade de entender a fala de seus colegas nos momentos de discussão.

Ao trabalhar com atividades de tradução, o aluno torna-se mais consciente do processo de leitura e de como identificar elementos do texto a fim de realizar uma interpretação mais deliberada e direcionada do texto. Conseqüentemente, o aluno também torna-se ciente dos elementos que devem fazer parte do texto a ser escrito, para que consiga atingir seu objetivo de comunicação de maneira clara e concisa.

A tradução também consiste em um “ato comunicativo” (LEONARDI, 2011). O aluno deve se comunicar não só com o texto que está traduzindo, mas também com seus colegas e professor sobre o processo de tradução, criando oportunidades para os alunos desenvolverem habilidades de fala e escuta. Sandes e Pereira (2017) afirmam, ainda, que atividades de tradução tornam o aluno mais preciso em sua produção linguística (tanto a escrita como a fala), pois o aluno, ao se deparar com palavras e estruturas novas no processo de tradução, vai precisar sanar essas dúvidas, aumentando seu conhecimento acerca da língua e o seu repertório léxico. Nas palavras de Branco (2011), autora do Texto 3: “ Se bem elaborada, a atividade envolvendo tradução oferece atenção especial à prática de qualquer uma das quatro habilidades, fazendo com que o aluno perceba que expressões nas duas línguas não correspondem necessariamente uma a outra (BRANCO, Texto 3, 2011, p. 168).

5. A tradução proporciona melhoras no desempenho geral do aluno

Dos 7 (sete) textos analisados, 2 (dois) mencionam a melhora no desempenho geral dos alunos após o uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, constituindo 28.5% dos textos analisados.

Considerando como a tradução auxilia no desenvolvimento das competências linguística, cultural e comunicativa, além de trabalhar as quatro habilidades, não é surpreendente que a mesma promova melhorias no desempenho geral dos alunos, pois atinge diversas áreas relevantes que contribuem para uma compreensão mais abrangente da LE, seja ela a língua inglesa, alemã, japonesa ou espanhola. Além disso, o uso da tradução e da LM em sala de aula torna os alunos mais confiantes em relação ao aprendizado da LE, o que pode também contribuir para melhorias no desempenho geral. Segundo Garcia et al (2011), autoras do Texto 1:

[...], os alunos puderam ouvir a explicação em inglês, praticaram a fala quando respondiam às perguntas da professora, tiveram a oportunidade de fazer a leitura em voz alta, novamente praticando a pronúncia, e fizeram os exercícios escritos. Assim, houve um ganho significativo no que diz respeito ao aprendizado da língua estrangeira. (Texto 1, GARCIA et al, 2011, p.197)

6. O uso da tradução auxilia no desenvolvimento da competência tradutória

Dos 7 (sete) textos analisados, 1 (um) menciona que o uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE auxilia no desenvolvimento da competência tradutória, constituindo 14.3% dos textos analisados.

Há uma expectativa que aprendizes de LE vão automaticamente tornar-se capazes de realizar traduções adequadas ao atingir um certo nível de proficiência. Ao contrário, técnicas de tradução devem ser apresentadas para os alunos, para que eles possam utilizar algo que já ocorre naturalmente (LEONARDI, 2011) de maneira deliberada e direcionada. Além disso, a tradução é considerada por muitos a quinta habilidade linguística (NAIMUSHIN, 2002 et al), e, portanto, deve receber a devida atenção no processo de aprendizagem de LE. Alunos podem utilizar a tradução como outra ferramenta de apoio ao aprender uma LE. Segundo as autoras do Texto 4:

Ao iniciarem o trabalho de tradução propriamente dito, e alicerçadas nas reflexões e conhecimentos adquiridos nas etapas anteriores, as alunas puderem perceber que quando se tem consciência para quem se traduz um texto, o aluno/tradutor tem melhores condições de fazer suas escolhas e elaborar um trabalho mais adequado de acordo com o contexto no qual o leitor alvo está inserido e, portanto, poderá realizar uma tradução funcional, de acordo com os pressupostos da teoria funcionalista de tradução. (Texto 4, LAIÑO; SALDANHA, 2017, p. 407)

7. Oportunidade de trocar informações e experiências com interação professor<->aluno<->aluno

Dos 7 (sete) textos analisados, 1 (um) menciona a oportunidade de trocar informações e experiências com a turma decorrente do uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, constituindo 14.3% dos textos analisados.

O professor tem a oportunidade de acompanhar o processo que o aluno percorre durante o processo de tradução, possibilitando a ele perceber possíveis dificuldades ou lacunas no aprendizado dos alunos, aspectos que ele pode (e deve) levar em consideração em futuros planejamentos de aula. O aluno tem a oportunidade de interagir com outros alunos e entrar em contato com novas perspectivas em relação à LE. Alunos têm a oportunidade de trabalhar em grupo, e compartilhar quaisquer descobertas sobre a LE. Alunos diferentes podem perceber aspectos diferentes da LE - ao compartilhar suas descobertas com seus colegas, os alunos têm a oportunidade de entrar em contato com diferentes pontos de vista e ideias, o que leva a um entendimento mais abrangente de questões linguísticas (MCENERY; WILSON, 1997). Segundo Laiño e Saldanha (2017), autoras do texto 4:

esta atividade [de tradução] oportunizou a construção coletiva do conhecimento por meio de um diálogo entre a professora e suas alunas. Este diálogo se deu através das negociações de sentido e acomodação do conhecimento prévio das alunas e o novo conhecimento. (Texto 4, LAIÑO, SALDANHA, 2017, p. 413,414)

No momento em que o professor assume uma figura de facilitador, o aluno se sente mais incluído e relevante para o processo de construção de sentido. O aluno pode trabalhar com seus colegas e utilizar de suas próprias estratégias para identificar e extrair as informações relevantes do texto trabalhado (MCENERY; WILSON, 1997).

3.1.2 Ressalvas

Nesta seção iremos apresentar as ressalvas identificadas nos textos da presente seção, algumas delas citadas em mais de um texto. Estas são:

1. O uso descontextualizado da tradução não proporciona aprendizado adequado

Ao se trabalhar com línguas, seja a LE ou a LM, a construção de sentidos é um processo extremamente importante que requer uma atenção especial. A análise textual é uma parte crucial do aprendizado de LE, pois trata da construção de sentidos através da busca pelo significado presente nas diversas partes do texto (SANDES;PEREIRA, 2017). A linguagem sempre ocorre dentro de um contexto, e para uma compreensão mais completa do texto, é necessário considerar o vocabulário utilizado, as estruturas escolhidas, os elementos culturais presentes, e os outros diversos aspectos considerados na construção de um texto. É importante que o aluno compreenda o processo por trás da construção de uma produção escrita e o motivo de certas escolhas serem feitas na elaboração de um texto, e para isso, é necessário que a tradução seja trabalhada de maneira contextualizada na aula de LE.

2. O não uso da tradução pode criar bloqueios no aprendizado de LE

A tradução está sempre presente em sala de aula de LE, e a sua presença deve ser não só reconhecida mais aproveitada pelo professor. Mesmo se o contexto de ensino de LE não permite o uso da LM em sala de aula, os alunos ainda utilizam essa estratégia como ferramenta de apoio no seu processo de aprendizagem - ou seja, “traduzem silenciosamente” (TITFORD, 1985, p.78). Ao adotar a tradução como ferramenta pedagógica de maneira deliberada e contextualizada, o aluno se sente validado, além de poder utilizar uma estratégia que já utilizava de maneira mais direcionada e consciente.

O uso da tradução, como foi discutido anteriormente no item 3.1.1.3, a tradução auxilia na aquisição e compreensão de vocabulário. Quando na sala de aula só é permitido o uso da LE, os alunos acabam se limitando a utilizar estruturas que eles já conhecem, quando o uso da tradução oferece aos alunos uma oportunidade de expandir seus conhecimentos sobre a LE, adquirindo vocabulário através de pesquisas, por exemplo (SANDES; PEREIRA, 2017). Ao proibir o uso da tradução, o aluno é repreendido por utilizar uma estratégia que lhe ocorre naturalmente (LEONARDI, 2011), o que pode causar repercussões negativas em sua confiança em suas capacidades como aprendiz. Utilizar a tradução em sala de aula e apresentar ao aluno técnicas de tradução e maneiras de aproveitar essa estratégia, o aprendiz não só se sente mais seguro em suas habilidades, como também têm oportunidade de adquirir vocabulário de maneira mais autônoma.

3. O uso excessivo da tradução não privilegia o aprendizado e prejudica o aluno

Dos 7 (sete) textos analisados, 2 (dois) mencionam que o uso excessivo da tradução no ensino de LE prejudica o aluno. A tradução, assim como qualquer outra ferramenta pedagógica, não deve ser utilizada de maneira desregrada. Seu uso deve ser deliberado e relevante, levando em consideração todos os fatores pertinentes para decidir como e quando a tradução deve ser utilizada em sala de aula, como o nível linguístico dos aprendizes, o contexto de ensino, o perfil dos alunos, objetivos de aprendizagem pretendidos, etc. A tradução é, sim, uma ferramenta bastante útil no desenvolvimento das outras quatro habilidades, mas isso não significa que ela deve substituir a presença de atividades focadas em desenvolver as outras quatro habilidades em sala de aula. A tradução, afinal, deve ser utilizada somente como outra ferramenta de apoio ao aluno no processo de aquisição da LE, uma ferramenta que deve ser utilizada em conjunto com as demais.

4. O uso excessivo da LM prejudica o aluno

Já foi discutida, anteriormente, a importância em reconhecer a presença da LM no ensino de LE. No entanto, vale salientar que o uso constante da LM ainda pode causar interferências negativas no aprendizado de LE. O papel da LM no contexto de aprendizado de LE não deve ser dominador - ela está lá para proporcionar um ponto de referência para o aprendiz durante o processo complexo de estudar uma nova língua.

3.2 DISSERTAÇÕES

Nesta seção, será realizada a análise de dados das dissertações que compõem o *corpus* do presente trabalho. A análise será feita com base nos aspectos relevantes apontados em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica, além das ressalvas levantadas em relação ao mesmo. A análise será apoiada pela fundamentação teórica do presente trabalho, além de eventuais citações relevantes retiradas do texto do *corpus*.

3.2.1 Aspectos Positivos

Na análise dos dados, foram identificados os aspectos relevantes em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, alguns deles sendo citados por mais de uma dissertação, que são:

1. O uso da tradução amplia o conceito de tradução e língua para o aluno

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 6 (seis) apresentaram dados indicando que o uso da tradução amplia o conceito de tradução e língua para o aluno, totalizando 75% das dissertações.

No momento em que o aluno é convidado a considerar diversas facetas da LE e da LM no processo tradutor, tais como questões culturais, estruturas linguísticas, gramática, etc., ele está expandindo as noções que possui tanto sobre a LE como sobre a sua LM. Ao ter que refletir como uma estrutura linguística pode ser representada em outra língua, o aluno vai refletir sobre como funciona tanto a LM como a LE. Além disso, passam a perceber que a língua não engloba apenas questões de cunho gramatical, mas também aspectos culturais importantes que devem ser considerados. Segundo Xavier (2011), autora do Texto 11:

Ao pesquisarem e analisarem o uso das palavras e dos *phrasal verbs* na língua inglesa, e ao buscarem as traduções possíveis e adaptarem-nas nos textos na língua portuguesa, os alunos refletiram e analisaram sua própria língua materna, ampliando o conhecimento nas duas disciplinas. (Texto 11, XAVIER, 2011, p. 98)

Alunos de LE frequentemente apresentam a crença de que há uma equivalência exata entre a LE e a LM. É de se esperar que o aluno apresente essa tendência de buscar correspondências exatas entre as duas línguas, afinal, a LM é o principal ponto de referência que o aluno tentará usar ao tentar aprender uma LE, principalmente alunos iniciantes. Ao se afastar da ideia da tradução palavra-por-palavra nas atividades de tradução, o professor apresenta aos alunos um conceito de tradução que leva em consideração as múltiplas facetas das línguas e do processo tradutor. Essa noção de tradução pode ser vista nas dissertações que adotaram a Abordagem Funcionalista da Tradução de Nord, que tem como enfoque a análise textual, considerando questões intra e

extralinguísticas. Nas palavras de Melo (2012), autora do Texto 12, cuja pesquisa focou em dois grupos de alunos (A e B), um dos quais seguiu a Abordagem Funcionalista, e outro que não a seguiu:

O modelo funcionalista como já vimos no capítulo anterior demonstrou ser uma base teórica bastante relevante durante o processo tradutório para o grupo A, visto que suas traduções demonstraram maior preocupação com questões extralinguísticas. Por outro lado, o grupo B, que apenas trabalhou com a ajuda de dicionários, apresentou traduções literais que evidenciavam uma preocupação em manter as mesmas informações contidas no texto-fonte. (Texto 12, MELO, 2012, p. 100)

A partir dos resultados obtidos de ambos os grupos, tornou-se evidente que o caminho percorrido pelo grupo A fez toda a diferença na elaboração de suas produções textuais, pois se observou que pelo fato de terem sido levados a pensar em elementos extralinguísticos, como por exemplo, ter consciência para quem se escreve, quais são as informações que o leitor conhece sobre o assunto tratado e quais informações não compartilha pelo fato de estar inserido em contexto cultural diferente do contexto do leitor mexicano, entre outros fatores, permitiu-lhes ter uma perspectiva da atividade tradutória mais ampla que os alunos do grupo B. (Texto 12, MELO, 2012, p. 100 - 101)

Pelo relato da autora, é possível perceber a importância de abordar a tradução com o intuito de ampliar o conceito que o aluno possui do processo tradutor, e, conseqüentemente, do conceito de língua. Na atividade de tradução o aluno vai desenvolver habilidades que fazem parte desse processo, como a competência linguística, pois aprendiz devem lidar com questões de nível gramatical, lexical, estrutural, textual, etc. Ao lidar com esses aspectos e interagir com a língua de maneira consciente no ato da tradução, o aluno desenvolve sua consciência linguística, tanto em relação à LE como à LM (SANDES; PEREIRA, 2017)

2. A tradução auxilia no desenvolvimento da produção de textos em LE

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 5 (cinco) apresentaram dados indicando que a tradução auxilia no desenvolvimento da produção de textos em LE por parte dos alunos, totalizando 62.5% das dissertações.

Ao considerar elementos intra e extratextuais ao realizar uma produção de texto, o aluno atenta-se a diversos aspectos da língua, como estrutura, vocabulário, expressões idiomáticas, etc. Essa atenção a diferentes facetas da LE leva a um aumento na capacidade de raciocínio e análise no que se diz respeito tanto à leitura de textos como à produção escrita.

Além disso, o contato com vários textos diferentes, tanto na LM como na LE, atenta os alunos a diversas produções escritas, produzidas em diferentes contextos, em diferentes gêneros textuais, por autores diferentes. Ao ter um contato mais extenso e atencioso com produções autênticas, o aluno tem mais oportunidade de conseguir aplicar as características percebidas nos textos que lê na sua produção escrita em LE. Segundo Sandes e Pereira (2017). ao iniciar o processo de tradução, o aluno começa lidando com o significado: do texto, seu tema, das expressões usadas, da gramática, etc. Ao lidar com esses aspectos de maneira direcionada e completa, como pede o processo de tradução, o aluno vai tornar-se mais atento a questões gramaticais, escolha de vocabulário, função textual, e vários outros aspectos que levam o aprendiz a realizar sua produção escrita de maneira mais consciente e deliberada.

Ao ter a oportunidade de comparar a LM com a LE, o aluno vai desenvolver um entendimento mais profundo das duas, e aplicar os fundamentos que possui da LM, a qual ele manipula com mais aptidão. Ao aplicar essas noções da LM ao escrever textos em LE, o aluno consegue escrever textos de maneira mais consciente e direcionada, além de aprofundar seus conhecimentos em ambas as línguas. Segundo Sigle (21014), autora do Texto 15:

Como o aluno, nesse exercício, escreve em sua língua materna e domina todos os mecanismos da mesma, na produção de sua tradução, começa a desenvolver uma sensibilidade tanto para sua escrita quanto para uma leitura mais crítica e atenta na LE. (Texto 15, SIGLE, 2014, p. 147)

O Texto 9 aponta, ainda, as seguintes consequências do uso da tradução como ferramenta pedagógica: “Aumento na capacidade de raciocínio e análise ao se buscar a melhor tradução” (COSTA, Texto 9, 2008, p.169) e “Desenvolvimento da precisão e da clareza” (COSTA, Texto 9, 2008, p.169). No processo de tradução, o aluno deve

considerar uma série de facetas da língua e do texto a ser traduzido, além do texto a ser produzido a partir da tradução do texto-fonte. Esses aspectos incluem questões intra e extratextuais, como apontado por Nord (2016). Ao ter que trabalhar com esses elementos e aprender que funções eles cumprem na construção de sentidos, o aluno vai, naturalmente, passar a atentar a esses mesmos elementos ao produzir um texto.

3. A tradução auxilia na aquisição e compreensão de vocabulário

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 4 (quatro) apresentaram dados indicando que a tradução auxilia os alunos na aquisição e compreensão de vocabulário, totalizando 50% das dissertações.

Ao ter contato com textos autênticos em LE e LM, o aluno tem a oportunidade de descobrir por si só diversos aspectos linguísticos, como estruturas linguísticas, novo vocabulário, e idiossincrasias da LE. Como foi descrito por McEnery e Wilson (1997) em relação ao uso de *corpora* na aprendizagem de LE, ao interpretar dados por conta própria, o aluno tem a oportunidade de descobrir por conta própria diversos aspectos da LE. Um dos textos menciona, ainda, que ao realizar pesquisas em *corpus* os alunos perceberam que algumas palavras apresentavam mais de um uso, dependendo do contexto no qual se encontrava. Isso demonstra que não só os alunos têm a oportunidade de adquirir vocabulário, mas também de expandir as noções preexistentes que já possuíam em relação a palavras já conhecidas por eles.

Alunos têm que interagir de maneira mais direcionada e completa com o texto que vão traduzir, promovendo oportunidades ricas para o aluno trabalhar aspectos diferentes da língua de maneira ativa e engajada. Duas das dissertações que citaram a contribuição significativa do uso da tradução para a aquisição e compreensão de vocabulário se apoiaram na Abordagem Funcionalista de Nord (2016), que, como citado anteriormente, se apoia fortemente no processo de análise textual, além de considerar elementos intra e extratextuais tanto na análise do texto-fonte como na produção do texto-alvo. Esse tipo de interação guiada e deliberada de textos autênticos ajuda o aluno a desenvolver um olhar mais atento aos enunciados tanto na LE como na LM.

Sandes e Pereira (2017) afirmam ainda que, ao permitir somente o uso da LE em sala de aula, o aluno acaba se limitando a utilizar termos e estruturas já conhecidas por ele para transmitir a mensagem desejada. Ao realizar a tradução de um texto, por exemplo, alunos podem encontrar vocabulário e estruturas novas e desconhecidas, que eles devem, então, pesquisar sobre (sozinhos, com a ajuda de colegas ou de professores) e adicionar ao seu repertório linguístico da LE.

4. A tradução auxilia no desenvolvimento da competência cultural

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 4 (quatro) apresentaram dados indicando que a tradução auxilia os alunos no desenvolvimento da competência cultural, totalizando 50% das dissertações.

Como discutido anteriormente no ponto 3.1.1.4, o uso da tradução fornece oportunidades ao aluno de perceber que a LE engloba diversos contextos culturais, e diferentes jeitos de viver e de pensar (SANDES; PEREIRA, 2019). Além disso, o aluno tem a oportunidade de entrar em contato com novas expressões idiomáticas e outras idiossincrasias da LE, conhecimentos que necessitam de um conhecimento cultural mais compreensivo acerca da LE. Segundo Costa (2008), autora do Texto 9:

O processo tradutório exige do aluno responsabilidade sobre o próprio aprendizado, tornando-o mais independente e consciente das culturas envolvidas e da comparação e contraste que o levará a compreender melhor sua própria língua e cultura, desenvolvendo prioritariamente as competências linguísticas e comunicativas ao interagir na língua-alvo. (Texto 9, COSTA, 2008, p.169)

5. A tradução auxilia no desenvolvimento da competência linguística

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 3 (três) apresentaram dados indicando que a tradução auxilia os alunos no desenvolvimento da competência linguística, totalizando 37.5% das dissertações.

Novamente, como foi discutido no item 3.1.1, ao realizar uma tradução, o aluno precisa interagir com as estruturas linguísticas presentes no texto em nível semântico e sintático, tanto na LE como na LM. Como aponta o Texto 8: “Estava mais fácil para os

alunos recordar o vocabulário, a gramática, a estrutura. Eles estavam mais cuidadosos quanto à nova redação que estavam escrevendo.” (Texto 8, ALVES, 2007, p.101)

Trazemos novamente as ideias de Sandes e Pereira (2017), que apontam como o processo de tradução lida de maneira bastante abrangente com o conceito de “significado” e como ele é aplicado às diferentes partes do texto. Ao lidar com esses aspectos textuais e como eles funcionam em conjunto, o aluno torna-se um aprendiz mais consciente, além de desenvolver seus conhecimentos acerca da LE e como ela funciona. Como podemos perceber através do relato do Texto 10:

O uso da tradução nas atividades levou a uma compreensão maior do texto, pois palavras e expressões tiveram seus significados questionados, o que fez com que os alunos se tornassem mais conscientes da construção de frases, da ligação de cada palavra com o todo. (Texto 10, CAMPOS, 2009, p. 89)

6. O uso da tradução desenvolve a autonomia no aluno de LE

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 3 (três) apresentaram dados indicando que a tradução desenvolve a autonomia no aluno de LE, totalizando 37.5% das dissertações.

Esse tipo de interação guiada e deliberada de textos autênticos ajuda o aluno a desenvolver um olhar mais atento aos enunciados tanto na LE como na LM. O aluno, ao ser apresentado estratégias compreensivas de análise de texto, tais quais os aspectos citados por Nord, ele acaba se tornando um aprendiz mais autônomo e independente, pois consegue aplicar essas estratégias por si só ao interagir com tanto a LM como a LE fora do ambiente da sala de aula.

A aprendizagem mediada por *corpora* também promove autonomia no aluno de LE. Como citado por McEnery e Wilson (1997), o aluno é responsável por retirar os dados do *corpus* e interpretá-los por conta própria - o professor atua no papel de guia, fornecendo ao aluno uma direção geral a ser seguida, mas o aluno que é responsável pela sua interação com o *corpus*. Uma das dissertações que citou o desenvolvimento de autonomia no aluno de LE como consequência do uso de tradução aplicou um estudo baseado em *corpus* com seus alunos. Segundo a autora: “Os participantes assumiram um

papel central e independente, tornando-se pesquisadores, o que lhes permitiu obter respostas para suas dúvidas e verificação de suas hipóteses” (Texto 11, XAVIER, 2011, p.97).

Segundo Sandes e Pereira (2017), ao buscar compreender de maneira mais precisa os significados e elementos textuais, o aluno acaba por desenvolver sua consciência linguística, percebendo que não há uma equivalência exata entre as duas línguas, refinando seu conhecimento em ambas. Essa noção mais completa da língua também permite ao aluno ser mais ciente de seu processo de aprendizado, o que, segundo as autoras, torna o aprendiz mais autônomo. Além disso, ao procurar os melhores termos e vocábulos ao realizar uma tradução, os alunos acabam por desenvolver estratégias próprias para aquisição de vocabulário e realização de traduções. Segundo o texto 11: “Os participantes assumiram um papel central e independente, tornando-se pesquisadores, o que lhes permitiu obter respostas para suas dúvidas e verificação de suas hipóteses” (Texto 11, XAVIER, 2011, p. 97). Ao desenvolver estratégias pessoais para aquisição da LE, o aluno assume um papel mais consciente em relação ao seu processo de aprendizagem, e aprende a interagir de maneira mais reflexiva com a LE.

7. O uso da LM torna os alunos mais confiantes em relação à LE

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 3 (três) apresentaram dados indicando que o uso da LM torna os alunos mais confiantes em relação à LE, totalizando 37.5% das dissertações.

A LM é uma parte integral do indivíduo, o que torna impossível a ideia propagada erroneamente de que para se aprender uma LE, deve-se ignorar a LM. Não se pode esperar que um aluno em contexto de ensino não-bilíngue (que, novamente, não está incluído no escopo do presente trabalho) aprenda a LE da mesma maneira com a qual aprendeu a LM. Além disso, ao se aproveitar das noções já presentes na mente do aprendiz sobre a sua LM, o professor dá voz ao aluno, que se sente parte integral do processo de construção de sentidos e, conseqüentemente, torna-se mais confiante ao interagir com a LE, sabendo que ele pode fazer uso de seu conhecimento prévio para atuar na LE.

Segundo Cook (1999), a LM está presente em todas as atividades de sala de aula, o que deve ser considerado é se ela está presente de maneira “visível” ou “invisível”. Por o aluno já fazer uso da LM no seu processo de aquisição da LE, negar a presença da LM em sala de aula é invalidar o processo cognitivo do aprendiz, que pode se sentir inadequado ao escutar do professor que utilizar a LM ao aprender uma LE é algo negativo e prejudicial. Segundo a autora do Texto 8: “A possibilidade de usar a língua materna durante os exercícios de tradução deu segurança aos alunos, principalmente aos mais ansiosos e tímidos, evitando constrangimentos e aumentando sua auto-estima”. (Texto 8, ALVES, 2007, p. 113)

Além disso, segundo Sandes e Pereira (2017), ao realizar atividades de tradução, os alunos passam a perceber mais ativamente as diferenças entre as duas línguas através da análise contrastiva. Nesse processo, eles não só aprimoram seus conhecimentos em ambas as línguas, como também desenvolvem sua habilidade de tradução. Ao perceber que são capazes de traduzir mensagens entre uma língua e outra, se tornam mais confiantes e motivados em relação ao processo de aprendizagem da LE.

8. Oportunidade de trocar informações e experiências com a interação professor-aluno-aluno

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 3 (três) apresentaram dados indicando que a tradução promove a oportunidade de trocar informações e experiências com a interação professor-aluno-aluno, totalizando 37.5% das dissertações.

O professor tem a oportunidade de acompanhar o processo que o aluno percorre durante o processo de tradução, possibilitando a ele perceber possíveis dificuldades ou lacunas no aprendizado dos alunos, aspectos que ele pode (e deve) levar em consideração em futuros planejamentos de aula. O aluno tem a oportunidade de interagir com outros alunos e entrar em contato com novas perspectivas em relação à LE. Alunos têm a oportunidade de trabalhar em grupo, e compartilhar quaisquer descobertas sobre a LE. Alunos diferentes podem perceber aspectos diferentes da LE - ao compartilhar suas descobertas com seus colegas, os alunos têm a oportunidade de entrar em contato com

diferentes pontos de vista e ideias, o que leva a um entendimento mais abrangente de questões linguísticas (MCENERY; WILSON, 1997). Segundo o Texto 8: “O relacionamento em sala de aula melhorou em decorrência da postura facilitadora assumida pela professora e da integração e cooperação entre os alunos ao realizarem trabalhos em grupo.” (Texto 8, ALVES, 2007, p.114)

No momento em que o professor assume uma figura de facilitador, o aluno se sente mais incluído e relevante para o processo de construção de sentido. O aluno pode trabalhar com seus colegas e utilizar de suas próprias estratégias para identificar e extrair as informações relevantes do texto trabalhado (MCENERY; WILSON, 1997).

9. A tradução trabalha as quatro habilidades

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 2 (duas) apresentaram dados indicando que a tradução trabalha as quatro habilidades, totalizando 25% das dissertações.

Como foi tratado anteriormente no item 3.1.4, as atividades de tradução não só trabalham de maneira mais ativa e profunda com a escrita e a leitura, ao focar na análise textual e produção por parte dos alunos, mas elas também proporcionam oportunidades de desenvolver as habilidades de fala e escuta, pois promovem discussões em sala de aula onde os alunos desenvolvem sua produção oral, além da compreensão. Além disso, como estabelecido previamente, a tradução consiste em um “ato de comunicação” (LEONARDI, 2011, p.21). Nas palavras da autora do Texto 10: “As atividades de tradução podem melhorar as quatro habilidades e desenvolver a capacidade de se expressar com precisão, de forma clara e flexível.” (Texto 10, CAMPOS, 2009, p.93).

Além disso, é importante lembrar que, durante o processo de tradução, o aluno vai expandir o seu léxico e os seus conhecimentos gramaticais acerca da LE, o que vai torná-lo mais preciso em sua produção linguística, tanto oral como escrita (SANDES; PEREIRA, 2017)

10. A tradução promove uma maior conscientização das diferenças entre as duas línguas

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 2 (duas) apresentaram dados indicando que a tradução promove uma maior conscientização das diferenças entre as duas línguas, totalizando 25% das dissertações.

Ao trabalhar com atividades de tradução, os alunos têm a oportunidade de expandir seu vocabulário, tanto adicionando novas palavras ao seu léxico como percebendo que palavras já conhecidas podem apresentar diferentes sentidos. Neste processo, vai tornando-se evidente para o aluno que as duas línguas (LM e LE) funcionam de maneiras diferentes.

Segundo Sandes e Pereira (2017), ao traduzir, o aluno começa perceber as diferenças entre as línguas através da análise contrastiva. Essa compreensão mais completa das duas línguas, além das atividades de tradução, ajudam o aluno a desenvolver sua habilidade tradutória, o que o torna mais motivado e confiante em relação ao seu processo de aprendizagem, pois se percebe capaz de traduzir mensagens de uma língua para outra.

11. A tradução auxilia no desenvolvimento da competência comunicativa

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 1 (uma) apresentou dados indicando que a tradução auxilia os alunos no desenvolvimento da competência comunicativa, totalizando 12.5% das dissertações.

Como abordado anteriormente no item 3.1.3., ao interagir com textos autênticos em LE e atentar aos diversos aspectos que os compõem, é inevitável que o aluno entre em contato com elementos culturais e linguísticos da LE, elementos estes que ele deve buscar compreender e interpretar por conta própria (MCENERY; WILSON, 1997), às vezes em contraste com elementos similares da sua LM, fomentando um conhecimento mais profundo da própria cultura do aprendiz, além da cultura da LE. Além disso, a tradução é uma atividade que engloba diversos aspectos, dentre eles, o aspecto cultural (LEONARDI, 2011), que deve ser compreendido para realizar-se uma tradução adequada.

Outro aspecto importante presente no processo de tradução citado por Leonardi (2011) é o aspecto linguístico. Ao realizar atividades de tradução, o aluno vai trabalhar de maneira mais precisa e deliberada com as estruturas linguísticas e gramaticais presentes no texto, tornando a sua produção, tanto oral como escrita, também mais precisa e deliberada, melhorando sua capacidade comunicativa (SANDES; PEREIRA, 2017)

12. A tradução proporciona melhorias no desempenho geral do aluno

Das 8 (oito) dissertações analisadas, 1 (uma) apresentou dados indicando que a tradução proporciona melhorias no desempenho geral do aluno, totalizando 12.5% das dissertações. Segundo Alves (2007), a autora da dissertação em questão (Texto 8), os alunos obtiveram uma melhora considerável nas notas em relação ao primeiro bimestre. Em relação à prova final, especificamente, alguns alunos comentaram recordar aspectos trabalhados nas atividades de tradução ao realizar a prova, o que os possibilitou responder às questões.

Apenas uma das dissertações analisadas mencionou de maneira explícita as melhorias no desempenho geral do aluno como consequência do uso de tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. Apesar disso, o texto em questão mencionou que essa melhoria aconteceu não só como consequência do uso da tradução, mas também de outros aspectos positivos decorrentes do uso da tradução em ensino de LE, entre eles: a aquisição de vocabulário em LE, o auxílio no desenvolvimento de textos em LE, o desenvolvimento da competência linguística, e maior confiança em relação ao uso da LE. Essa ideia corrobora o que foi discutido anteriormente no item 3.1.6: o fato de que as atividades de tradução afetam de maneira positiva uma série de aspectos relacionados ao aprendizado de línguas fornece ao aluno uma oportunidade de melhorar suas habilidades linguísticas e, conseqüentemente, o seu desempenho geral como falante e aprendiz de LE.

3.2.2 Ressalvas

Nesta seção iremos apresentar as ressalvas identificadas nas dissertações encontradas, que são:

1. Possíveis dificuldades linguísticas ou culturais por parte dos aprendizes

O Texto 13 relatou que alguns alunos apresentaram dificuldades em compreender certos elementos culturais ou linguísticos, não traduzindo alguns trechos dos textos trabalhados, causando uma lacuna nas traduções realizadas. A dificuldade de compreensão do conteúdo ou até de partes específicas do conteúdo por alguns alunos é sempre uma possibilidade, o que, infelizmente, pode causar problemas na execução das atividades. Uma possível medida a ser tomada é separar um momento, de preferência durante a realização de uma atividade escrita em sala de aula, com o(s) aluno(s) que apresentam dificuldades e tentar esclarecer os pontos onde possui(m) mais dúvidas. Em uma situação ideal, esse(s) aluno(s) teria(m) uma rede de apoio disponível para sanar quaisquer dúvidas que podem aparecer no processo de aprendizagem - talvez uma monitoria disponível, ou um horário de atendimento fora de sala de aula com o próprio professor.

2. Deve-se atentar ao uso descontextualizado e equivocado de tradução tradicional

Duas das dissertações analisadas atentam ao uso descontextualizado e equivocado da tradução tradicional. Os benefícios citados em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica são devido ao uso contextualizado da tradução, onde a LE e a LM são discutidas levando em consideração os diversos aspectos que compõem o contexto no qual as duas línguas estão sendo tratadas. Ao utilizar a tradução de maneira descontextualizada, apenas para esclarecer vocabulário ou lidar com dificuldades de comunicação, e sem um objetivo de aprendizado específico, o aluno não vai poder usufruir dos aspectos positivos que o uso da tradução como ferramenta pedagógica traz ao processo de aprendizagem da LE. A tradução deve ser utilizada como uma ferramenta pedagógica, com um propósito e objetivo específicos, e não como uma “muleta”

pedagógica a qual o aluno pode recorrer quando estiver com dificuldades de compreensão.

3. O uso de materiais como dicionários bilíngues e *corpora* deve ser feito com cautela

Materiais de apoio ao processo tradutor são ferramentas bastante ricas e que podem ser utilizadas de diversas maneiras, para diferentes propósitos. Mas, para que isso possa ser alcançado, os materiais devem ser utilizados de maneira adequada. Alunos não devem utilizar esses materiais ao aprender uma LE sem antes serem apropriadamente instruídos sobre como utilizá-los da maneira correta. É comum, por exemplo, alunos receberem permissão para utilizar tradutores automáticos, como o *Google Tradutor*, e o utilizarem para traduzir frases, ou até textos inteiros - uma maneira de evitar o desafio da compreensão escrita em LE. Se os aprendizes forem instruídos em relação às ferramentas e como utilizá-las de maneira adequada, a fim de melhorar a capacidade de compreensão do aluno em relação à LE, essas ferramentas podem representar um impacto bastante positivo no processo de aquisição da LE por parte do aluno.

Para que o aluno seja apropriadamente instruído em relação à maneira adequada de utilizar esses materiais como ferramentas de apoio, é necessário que os professores tenham sido preparados em relação ao uso eficiente e pedagógico desses materiais. Afinal, para que eles sejam aproveitados de maneira completa, tais materiais devem ser bem explicados para os alunos, e para que isso aconteça, o professor deve compreendê-los bem. Infelizmente, alguns professores afirmam que utilizar *corpora* é uma atividade muito exigente em seu aspecto técnico, deixa os alunos confusos com a quantidade de informação, e demanda muito tempo de sala de aula. Esses problemas podem ser solucionados com treinamentos oferecidos a professores acerca da utilização de *corpora* em sala de aula (AL-GAMAL; ALI, 2019). Além disso, é imperativo que o professor dedique uma quantidade de tempo considerável para explicar aos alunos como o material deve (e não deve) ser utilizado, o motivo deles estarem utilizando aquele material e o propósito que ele está cumprindo na atividade e no processo de aprendizagem dos alunos em geral. Instruir os alunos sobre esses pontos não só os deixa mais conscientes de seu próprio processo de aprendizagem, como também os torna aprendizes mais independentes.

4. Falta de costume por parte dos alunos em fazer este tipo de atividade

A autora do texto 11 afirma que a falta de costume em se realizar atividades com *corpora* se mostrou um problema para uma minoria dos alunos da turma. Esse ponto pode estar relacionado à dificuldade descrita por alguns professores ao se utilizar *corpora*, como citado no item anterior (AL-GAMAL;ALI, 2019). Infelizmente, esse é um problema que vai ser enfrentado sempre que alguma ideia ou metodologia nova for introduzido em sala de aula, mas é necessário para que o processo de ensino e aprendizagem esteja sempre se desenvolvendo e buscando melhorar.

3.3 TESES

Nesta seção, será realizada a análise de dados das teses que compõem o *corpus* do presente trabalho. A análise será feita com base nos aspectos relevantes apontados em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica, além das ressalvas levantadas em relação ao mesmo. A análise será apoiada pela fundamentação teórica do presente trabalho, além de eventuais citações relevantes retiradas do texto do *corpus*. Vale notar que a seção de teses é a menor dos textos que compõem o *corpus*, sendo esta constituída por apenas duas teses. Pela natureza da pesquisa realizada em nível de tese, é natural que as mesmas tratem de temas mais específicos e em nível mais aprofundado. Assim, apenas duas teses foram encontradas que atendem aos critérios delineados para fazer parte do *corpus* da presente pesquisa.

3.3.1 Aspectos Positivos

Na análise dos dados, foram identificados alguns aspectos relevantes em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, alguns deles sendo citados por mais de uma tese. Estes são:

1. A tradução auxilia no desenvolvimento da competência cultural

Como discutido anteriormente no ponto 3.1.1.4, o uso da tradução fornece oportunidades ao aluno de perceber que a LE engloba diversos contextos culturais, e diferentes jeitos de viver e de pensar (SANDES; PEREIRA, 2019). Além disso, o aluno tem a oportunidade de entrar em contato com novas expressões idiomáticas e outras idiossincrasias da LE, conhecimentos que necessitam de um conhecimento cultural mais compreensivo acerca da LE. A abordagem funcionalista da tradução de Nord (2016) possui uma ideia bastante compreensiva do processo tradutor, com uma ênfase forte na análise textual, que considera diversos elementos, tanto intra como extratextuais. Assim, a abordagem funcionalista da tradução acaba servindo como uma grande referência na elaboração de material pedagógico compreensivo acerca do uso da tradução como ferramenta pedagógica. Nas palavras de Laiño (2014), autora do texto 16:

No grupo para o qual se explicou a teoria de tradução funcionalista, as traduções foram mais adequadas e preocupadas com o público leitor, comparando com os resultados do outro grupo. Isto é, não se utilizou uma tradução literal, houve uma preocupação cultural, tanto da língua de partida quanto da de chegada. (Texto 16, LAIÑO, 2014, p. 198)

2. A tradução desenvolve a competência tradutória

Ambas as teses analisadas citaram que o uso da tradução no ensino de LE desenvolve a competência tradutória. O ensino de LE costuma tratar apenas de quatro habilidades linguísticas: fala, escuta, escrita e leitura. No entanto, há estudiosos que defendem que a tradução representa a quinta habilidade linguística (NAIMUSHIN, 2002 et al). Sabe-se que alunos e falantes de LE utilizam a tradução constantemente no seu processo de aprendizagem da LE, afinal ela é um processo cognitivo natural no processo de aquisição de uma LE (LEONARDI, 2011). Mas, além disso, alunos de LE costumam realizar traduções constantemente em seu cotidiano: tradução de termos em LE para familiares e amigos no dia-a-dia, ou até situações onde devem servir de intérprete entre falantes monolíngues (NAIMUSHIN, 2002), Infelizmente, existe uma crença generalizada de que, ao atingir um certo nível de proficiência na LE, o aprendiz vai automaticamente tornar-se capaz de realizar traduções ou agir como intérprete de maneira adequada, quando, na verdade, a tradução é uma habilidade linguística que demanda habilidades e técnicas específicas, que devem ser apresentadas e ensinadas ao aprendiz de LE

(NAIMUSHIN, 2002). Como é possível ver nas palavras de Melo, autora do texto 17, alunos se beneficiam bastante de instruções e técnicas acerca do uso da tradução como ferramenta de apoio: “[...] os estudantes puderam perceber que a tradução não é somente um ato de transpor códigos de uma língua para outra, visto que há elementos extratextuais que exercem influência nas escolhas tradutórias” (Texto 17, MELO, p. 232, 233).

Utilizar a tradução como ferramenta pedagógica oferece uma oportunidade aos alunos de aprender a utilizar e desenvolver sua competência tradutória - uma habilidade importante e sempre presente no cotidiano do falante de LE. Ademais, existe a noção errônea de que o processo de tradução só deve ser ensinado para quem deseja ser tradutor profissional. Segundo Naimushin (2002), o ensino de técnicas de tradução não deve ser confundido com a formação de profissionais da tradução - afinal, ao ensinar gramática para os alunos, não se espera que tornem-se gramáticos profissionais, e sim que entendam noções importantes da gramática para um melhor entendimento da língua.

3. A tradução trabalha e ajuda a desenvolver as quatro habilidades (fala, escuta, escrita, leitura)

Como discutido anteriormente no item 3.1.1.6 e 3.2.13, a tradução trabalha não só com a leitura e escrita, desenvolvendo a capacidade de interpretação e elaboração textual do aprendiz, mas também com as habilidades de fala e escuta, pois a tradução também é uma atividade comunicativa (LEONARDI, 2011). Atividades de tradução proporcionam oportunidades para alunos adquirirem vocabulário e novas estruturas da LE (SANDES; PEREIRA, 2017), e esse conhecimento é refletido no desenvolvimento das habilidades comunicativas do aluno, que vai estar mais atento à função da LE e à formação de enunciados. Nas palavras de Laiño (2014):

É gratificante perceber que o estudante trabalhou as quatro habilidades a partir de uma tarefa tradutória; desempenhou papel chave para a execução da atividade; foi autor de um gênero textual, pelo qual assumiu um papel responsivo e responsável; praticou a tradução funcionalista, uma tradução que foge da tecnicidade, da mecanização da língua; percebeu a variação linguística com mais força, dando valor à cultura do público de chegada; aproveitou ao máximo o tempo em sala de aula; e, por fim, reconceitualizou o que para ele

significava a tradução e o ensino de LE. (Texto 16, LAIÑO, 2014, p. 199, grifo nosso)

4. O uso da tradução desenvolve a autonomia no aluno de LE

Ao lidar com a tradução em sala de aula de LE, o aluno deve atentar-se mais aos diversos elementos que compõem o texto e como eles contribuem para a construção de sentidos que ocorre ao se analisar um texto. A abordagem funcionalista de Nord (2016), como discutido anteriormente, foi adotada por Laiño, autora do Texto 16, ao elaborar material voltado para o uso da tradução em sala de aula. Não só a teoria de Nord (2016) apresenta um grande enfoque no processo de análise textual, ela também apresenta ao aluno uma noção bastante compreensiva do processo de tradução. Ao tornar-se ciente dos diversos elementos presentes no texto, o aluno consegue agir de maneira mais autônoma enquanto aprendiz de LE, passando a aplicar as estratégias trabalhadas em sala de aula de maneira independente, como ferramenta de apoio ao seu processo de aquisição da LE. Nas palavras de Laiño (2014):

É gratificante perceber que o estudante trabalhou as quatro habilidades a partir de uma tarefa tradutória; desempenhou papel chave para a execução da atividade; foi autor de um gênero textual, pelo qual assumiu um papel responsivo e responsável; praticou a tradução funcionalista, uma tradução que foge da tecnicidade, da mecanização da língua; percebeu a variação linguística com mais força, dando valor à cultura do público de chegada; aproveitou ao máximo o tempo em sala de aula; e, por fim, reconceitualizou o que para ele significava a tradução e o ensino de LE. (Texto 16, LAIÑO, 2014, p. 199, grifo nosso)

3.3.2 Ressalvas

Nenhuma das teses componentes do presente *corpus* apresentaram ressalvas em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. Vale salientar que em teses de Doutorado, as pesquisas realizadas se encontram em um âmbito mais específico da área de estudo na qual se encontra. Em pesquisas em nível de dissertação de mestrado, artigos, etc., o escopo dos estudos ainda se encontra em um momento de questionamento acerca da importância ou

relevância de determinada prática ou teoria, nesse caso, da utilização da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. Já tendo passado por esse nível de pesquisa no momento da tese de Doutorado, não é mais válido revisitar os mesmos questionamentos já esclarecidos anteriormente em nível de dissertação. Graças a tais fatores, o número já limitado de teses analisadas no presente *corpus* não apontou nenhuma ressalva em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE.

4 RESULTADOS

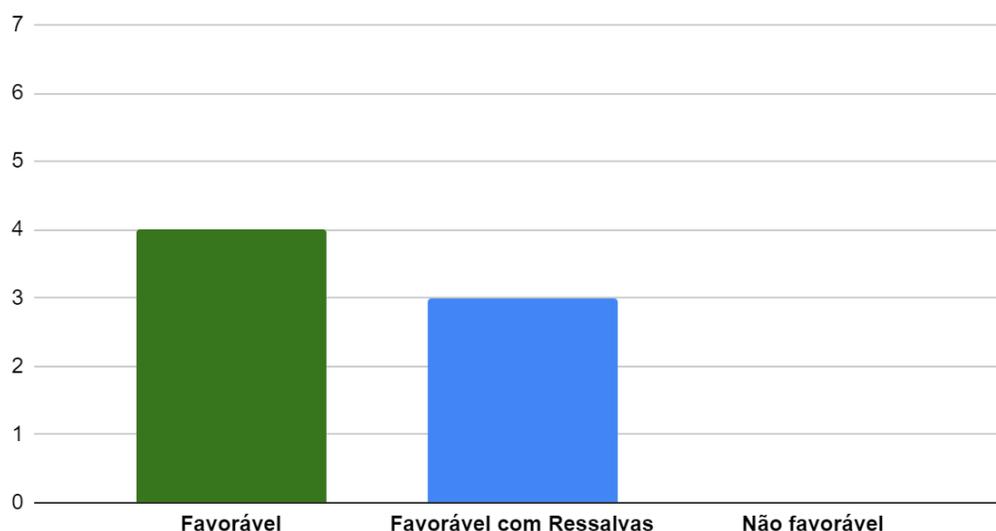
4.1 MONOGRAFIAS E ARTIGOS CIENTÍFICOS

Nesta seção, serão discutidos os resultados referentes às monografias e aos artigos científicos presentes no *corpus* do presente trabalho. Seus resultados serão classificados de acordo com as categorias previamente estabelecidas na metodologia. Em seguida, serão descritos e analisados os aspectos mais relevantes citados em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, além das ressalvas apontadas.

Dos 7 (sete) textos que compõem a presente seção, 4 (quatro) apresentam resultados favoráveis ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, constituindo 57 % (cinquenta-e-sete por cento) das monografias e artigos científicos analisados. Do restante, 3 (três) apresentam resultados favoráveis mas com ressalvas em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, representando 43% (quarenta-e-três por cento) das monografias e dos artigos científicos analisados. Nenhum dos textos analisados apresentou resultados não favoráveis ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. Os números estão representados graficamente na Figura 1

Figura 1

RESULTADOS - MONOGRAFIAS E ARTIGOS CIENTÍFICOS



Fonte: MENTOR, Marina

Como é possível perceber com os resultados averiguados, há um consenso entre as pesquisas analisadas que o uso da tradução como ferramenta pedagógica apresenta resultados positivos em sala de aula. Todos os trabalhos apontaram resultados positivos como consequência da aplicação de atividades de tradução no ensino do LE, e, nestes trabalhos, foram apontadas poucas ressalvas em relação ao seu uso, afinal ferramentas pedagógicas devem ser aplicadas de maneira correta e com um propósito específico, e a tradução não é diferente.

Os resultados corroboram os aspectos positivos apontados na análise de dados (Seção 3), que foram numerosos e apresentaram informações que apontam para a imensa valia da tradução como ferramenta de apoio no processo de aprendizagem de LE, pois a mesma consegue afetar de maneira positiva diversos aspectos importantes no que se diz respeito a um melhor entendimento acerca da LE.

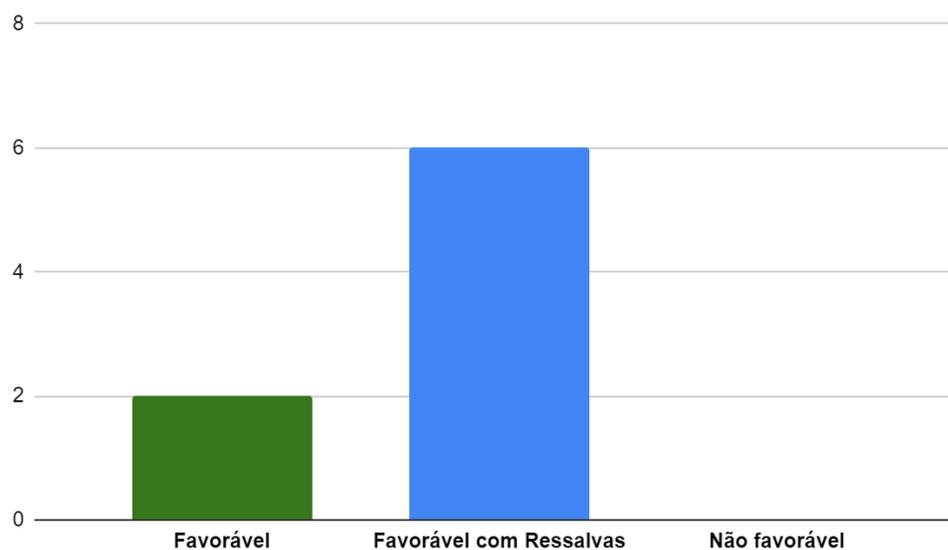
4.2 DISSERTAÇÕES

Nesta seção, serão discutidos os resultados referentes às dissertações presentes no *corpus* do presente trabalho. Os resultados serão classificados de acordo com as categorias previamente estabelecidas na metodologia. Em seguida, serão descritos e analisados os aspectos mais relevantes citados em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, além das ressalvas apontadas.

Das 8 (oito) dissertações que compõem o *corpus* do presente trabalho, 2 (duas) dissertações apresentam resultados favoráveis ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, constituindo 25% (vinte-e-cinco por cento) das dissertações analisadas. Do restante, 6 (seis) dissertações apresentam resultados favoráveis mas com ressalvas em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, este número representando 75% (setenta-e-cinco por cento) das dissertações analisadas. Nenhuma das dissertações analisadas apresentou resultados não favoráveis ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. Os números estão representados graficamente na Figura 2.

Figura 2

RESULTADOS - DISSERTAÇÕES



Fonte: MENTOR, Marina.

Como é possível perceber com os resultados acima, pesquisas em nível de dissertação de Mestrado também são, de maneira geral, favoráveis ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. É possível perceber, novamente, que existe um consenso no que diz respeito à validade de se utilizar a tradução como ferramenta de apoio no ensino e aprendizagem de LE. Por mais que 75% das pesquisas analisadas na presente seção apontaram ressalvas em relação ao uso da tradução em sala de aula, vale ressaltar que as mesmas focam em ressaltar que a tradução não deve ser aplicada de maneira aleatória ou descontextualizada, além de apontar algumas dificuldades que podem ser encontradas durante sua aplicação, aspectos importantes de serem discutidos no que diz respeito à aplicação de uma ferramenta pedagógica.

Apesar das ressalvas apontadas, os resultados são majoritariamente positivos e corroboram os diversos aspectos positivos apontados pelas dissertações analisadas como consequência da utilização da tradução como ferramenta pedagógica em sala de aula de LE. Foram novamente destacados os diversos aspectos trabalhados nas atividades de tradução e como os alunos conseguem desenvolver uma série de habilidades linguísticas que acarretam em uma melhor compreensão da LE por parte do aluno.

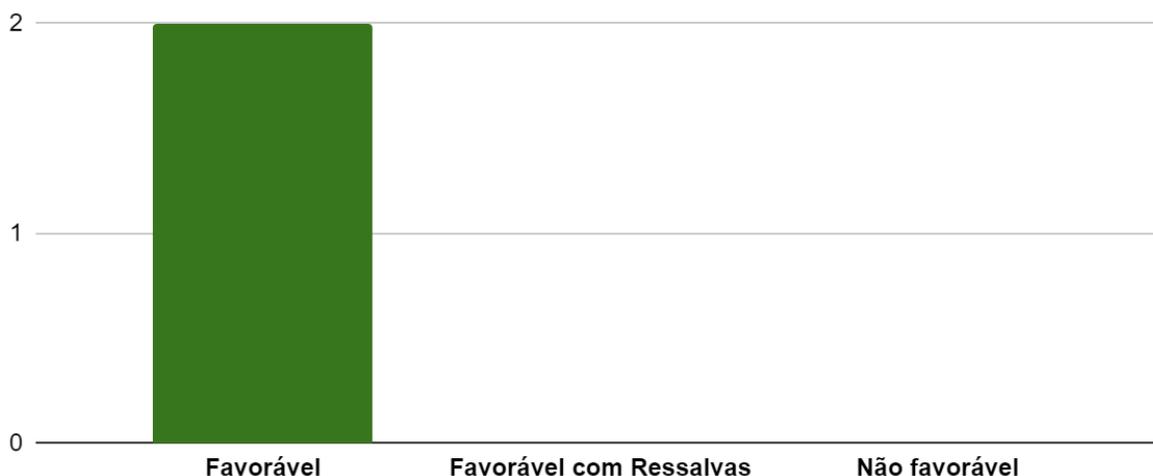
4.3 TESES

Nesta seção, serão discutidos os resultados referentes às teses presentes no *corpus* do presente trabalho. Seus resultados serão classificados de acordo com as categorias previamente estabelecidas na metodologia. Em seguida, serão descritos e analisados os aspectos mais relevantes citados em relação ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, além das ressalvas apontadas.

Das 2 (duas) teses que compõem o *corpus* do presente trabalho, 2 (duas) teses apresentam resultados favoráveis ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE, constituindo 100 % (cem por cento) das dissertações analisadas. Nenhuma das teses analisadas apresentou resultados favoráveis com ressalvas ou resultados não favoráveis ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. Os números estão representados graficamente na Figura 3.

Figura 3

RESULTADOS - TESES



Fonte: MENTOR, Marina.

Como podemos observar, as teses analisadas no *corpus* da presente pesquisa são favoráveis ao uso da tradução como ferramenta pedagógica no ensino de LE. Como foi possível perceber nas duas categorias anteriores, há um consenso em relação aos efeitos positivos do uso da tradução no ensino de LE e às maneiras de utilizá-la em sala de aula. As pesquisas em nível de

doutorado já lidam com a tradução sabendo que sua eficácia foi comprovada em outras pesquisas em nível de Monografia, Artigos e Mestrados, ou seja, não há necessidade de contestar a validade do seu uso em sala de aula. Consequentemente, os resultados são unanimemente favoráveis em relação ao uso da tradução como ferramenta de apoio no processo de ensino e aprendizagem de LE.

Os resultados desta pesquisa corroboram os aspectos positivos apontados nas pesquisas analisadas, que demonstravam como a tradução trabalha com diversas competências importantes no processo de aquisição da LE, incluindo as quatro habilidades linguísticas, se mostrando, mais uma vez, uma ferramenta muito rica e útil tanto para alunos como professores de LE.

5 CONCLUSÃO

O uso da tradução no ensino de LE gera discussão bastante polêmica, principalmente graças à sua associação com o Método Gramática-Tradução, que adotava a tradução de frases fora de contexto como método de aprendizado de LE. Esse aspecto atrelado ao surgimento de métodos como a Abordagem Comunicativa, que preza a comunicação somente em LE em sala de aula, acabou por banir a LM e a tradução de sala de aula de LE. No entanto, há alguns anos a tradução começou a ser discutida mais frequentemente enquanto ferramenta pedagógica em contexto de ensino de LE, com alguns educadores enxergando as possibilidades e oportunidades de aprendizado oferecidas pela tradução enquanto ferramenta pedagógica. Apesar disso, ainda há um estigma muito forte em relação ao seu uso em sala de aula, e muitos educadores ainda são receosos em adotá-la em sala de aula, receio que surge pelo fato de que e muitos professores sequer sabem como introduzir atividades de tradução ao seu planejamento.

No contexto da presente monografia, buscamos realizar uma coleta bibliográfica para averiguar os resultados da aplicação da tradução como ferramenta pedagógica em sala de aula de LE e investigar as possíveis consequências no processo de aprendizado da LE. A análise dos dados presentes no *corpus* e os resultados da presente pesquisa mostram que a tradução pode trazer uma série de benefícios para o ambiente de sala de aula de LE, tanto para professores quanto para aprendizes. Ela fornece oportunidades para o desenvolvimento de diversas áreas importantes no processo de ensino e aprendizagem da LE. Atividades de tradução fornecem uma oportunidade de trabalhar com a análise textual de maneira mais precisa e atenta, além de

promover situações comunicativas em sala de aula. Assim, o aluno tem a oportunidade de aumentar seu vocabulário, desenvolver sua compreensão em nível gramatical e estrutural, além de adquirir conhecimentos culturais que não só expandem o conhecimento do aluno sobre outros modos de ser e viver, mas também auxiliam em uma compreensão mais abrangente da LE e dos seus falantes. Vale salientar que o uso da tradução também deve ser feito de maneira cuidadosa e deliberada, pois o seu uso descontextualizado não traz benefícios para o aprendiz de LE, uma vez que ferramentas pedagógicas devem ser utilizadas deliberadamente e com um propósito específico, e não de maneira aleatória.

A análise das pesquisas que compõem o *corpus* comprova que a tradução é uma ferramenta pedagógica válida no contexto de ensino de LE, que pode apresentar consequências positivas no processo de aprendizagem do aluno de LE. Concluímos que a presente pesquisa foi bem sucedida e que os objetivos delineados foram alcançados, fornecendo um quadro da aplicação da tradução enquanto ferramenta pedagógica no ensino de LE como benéfico em tal contexto.

REFERÊNCIAS

AL-GAMAL, A.A.M.; ALI, E.A.M. Corpus-based Method in Language Learning and Teaching. **International Journal of Research and Analytical Reviews**, 2019.

AL-KHRESHEH, M.H. A review study of contrastive analysis theory. **Journal of Advances in Humanities and Social Sciences**, Vol. 2, n° 6, 2016.

AYACHIA, H. The Revival of Translation as a Fifth Skill in the Foreign Language Classroom: A Review of Literature. **Arab World English Journal for Translation & Literary Studies**. Vol. 2, n°2, p. 187-198, Maio, 2018

BARLOW, M. **Corpora for Theory and Practice**. 1996

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UFCG, 2022. Página Inicial. Disponível em: <<https://biblioteca.ufcg.edu.br/>>, Acesso em: 22 de Agosto de 2022.

BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB, 2020. Página Inicial. Disponível em: <<https://bce.unb.br/>>. Acesso em: 11 de Maio de 2020.

BROWN, H.D. English language teaching in the “post-Method” era: Toward better Diagnosis, Treatment and Assessment. **PASAA Journal**, Vol. 27. 1997

BRYLSBAERT, M. et al. **Corpus linguistics**. 2017

CADERNOS DE TRADUÇÃO, 2020. Página Inicial. Disponível em:<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/index>>. Acesso em 11 de maio de 2020.

CAMPOS, G. **O que é tradução**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1986.

CHESTERMAN, A; ARROJO, R. Shared Ground in Translation Studies. **Target**, No.12, Vol.1, 2000.

COMUNIDADE ACADÊMICA FEDERADA (CAFe), 2020. Página Inicial. Disponível em: <<https://www.rnp.br/servicos/alunos-e-professores/identidade-e-seguranca/cafe>>

COOK, G. **Translation in Language Teaching**. Oxford University Press, 2010.

COOK, V. Going beyond the Native Speaker in Language Teaching. **TESOL Quarterly**, Vol. 33, No. 2, 1999.

CORDER, S.P. **Error Analysis and Interlanguage**. Oxford University Press, 1981

FRIES, C. **Teaching and Learning English as a foreign language**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1945.

GAST, V. **Contrastive Analysis**. 2013

- HALVERSON, S. **Translation**. In: The Handbook of Translation Studies, 2010, 378 - 384.
- HUANG, L. Corpus-aided language learning. **ELT Journal**, Vol 65, No 4, Outubro, 2011.
- JAKOBSON, R. On Linguistic Aspects Of Translation. **The Translation Studies Reader**, 2000.
- KUMARAVADIVELU, B. Toward a Postmethod Pedagogy. **TESOL Quarterly**, Vol. 35, No. 4 2001.
- LEONARDI, V. Pedagogical Translation as a Naturally-Occurring Cognitive and Linguistic Activity in Foreign Language Learning. **Annali Online di Lettere – Ferrara**, Vol. 1-2, 2011.
- LIAO, P. EFL Learners' Beliefs about and Strategy Use of Translation in English Learning. **RELC Journal**, 2006.
- MALMKJAER, K. **Translation & Language Teaching: Language Teaching & Translation**. 1998.
- MALMKJAER, K. **Language Learning and Translation**. The Handbook of Translation Studies, 2010, 185-190.
- MCENERY, T; WILSON, A. **Teaching and Language Corpora (TALC)**. ReCALL; Vol 9, No 1, p.5-14, Maio 1997.
- MOREIRA; CALEFFE. **Classificação da Pesquisa**. Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador, 2008.
- MOREIRA; CALEFFE. **Coleta e análise de dados qualitativos: a observação**. Metodologia da Pesquisa para o Professor Pesquisador, 2008.
- MUNDAY, J. **Introducing Translation Studies**. 2016.
- NAIMUSHIN, B. Translation in Foreign Language Teaching: The Fifth Skill. **MET**. Vol. 11, nº4, p.46-49, 2002.
- NORD, C. **Text Analysis in Translation**. 2016
- PORTAL DE PERIÓDICOS: CAPES/MEC, 2020. Página Inicial. Disponível em: < <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez292.periodicos.capes.gov.br/> >. Acesso em 11 de Maio de 2020.
- SANDES, E.I.A.; PEREIRA, M.R.Q. Reflexões sobre a Tradução Pedagógica. **EntreLetras**, Vol.8, nº2, p.223-236, Jul/Dez, 2017.
- SOUZA CORRÊA, E.F. Sobre a necessidade da tradução pedagógica na aula de língua não materna: quinta habilidade e macroestratégias. **Revista de Letras**. Nº33, Vol.2, p.53-64, 2014.

TAJAREH, M.J. **An Overview of Contrastive Analysis Hypothesis.** The Second National Conference on Applied Research in Science and Technology, 2015

TITFORD, C. **Translation—a Post-Communicative Activity.** 1985

WARDHAUGH, R. **The Contrastive Analysis Hypothesis.** 1970.

ZANETTIN, F. Corpus-based Translation Activities for Language Learners. **The Interpreter and Translator Trainer**, Vol. 3, n° 2, 2009.

APÊNDICES E ANEXOS

LISTA DO *CORPUS*

MONOGRAFIAS E ARTIGOS CIENTÍFICOS

Texto 1 - Garcia, L. A., Carvalho, J., Kehdi, J. Q. F., & Baumrucker, C. L. (2018).

VANTAGENS E DESVANTAGENS ACERCA DA TRADUÇÃO NO ENSINO DE LÍNGUA INGLESA. *fólio - Revista De Letras*, Vol. 3, nº1. Disponível em:

<https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/3569>

Texto 2 – ROCHA, N. Translation as a teaching tool to bridge L1 and L2 for adult learners at elementary levels. **Caderno de Traduções**. Vol.1, nº27, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v1n27p179>

Texto 3 – BRANCO, S.O. As faces e funções da tradução em sala de aula de LE. **Caderno de Traduções**. Vol.1, nº27, 2011. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v1n27p161>

Texto 4 - LAIÑO, M. J., & SALDANHA, C. T. (2017). A competência comunicativa em LE ampliada pela teoria funcionalista de tradução: uma proposta didática. *Raído*, Vol. 11, nº27, 393–416. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/5645>

Texto 5 – PONTES, V.O.; LOPES, A.L.C.; BERENBLUM, S. Tradução, ensino de línguas e o uso do gênero textual poema como instrumento para a aprendizagem da língua espanhola como língua estrangeira. **Migulim**, Vol. 9, nº3, 2020. Disponível em:

<http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2344>

Texto 6 – MARQUES, A. M. A tradução como método de ensino da Língua Portuguesa a estudantes japoneses. *Revista Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 13, n. 3, p. 114–125, 2021. DOI:

10.46230/2674-8266-13-5026. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5026>. Acesso em: 21 ago. 2022.

Texto 7 – SANTOS, Luciana Soares dos. O uso de atividades de tradução intersemiótica e interlingual em uma sala de aula de língua inglesa como LE. 2016. 108f. (Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia), Curso de Licenciatura em Letras: Língua Inglesa, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, – Paraíba – Brasil, 2016. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/17979>

DISSERTAÇÕES

Texto 8 – ALVES, Mônica Mendes Pereira. Traduzir para adquirir vocabulário em língua estrangeira. 2007. 285 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)-Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3035>

Texto 9 – COSTA, Ana Paula Alves Torres da. Traduzir para comunicar: a tradução como componente comunicativo no ensino-aprendizagem de inglês como língua estrangeira. 2008. 195 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)-Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3683>

Texto 10 – CAMPOS, Liza Silveira. Andragogia e integração de atividades de tradução textual no ensino/aprendizagem de línguas. 2009. x, 122 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)-Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/8976>

Texto 11 – XAVIER, M.A. A tradução no ensino de linguas: uma experiência com base em córpus. 2011. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Tradução. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95079>

Texto 12 – MELO, N.T. Texto e contexto na construção de sentidos. 2012. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106723>

Texto 13 – NOGUEIRA, A.M. Meio do caminha ou caminho do meio? Tradução, interculturalidade e ensino contrastivo de línguas. Dissertação (mestrado) – Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/15296/1/2013_AnaMaranhaoNogueira.pdf

Texto 14 – DEMÉTRIO, A.P.C. A tradução como retextualização: uma proposta para o desenvolvimento da produção textual e para a ressignificação da tradução dentro do ensino de LE. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014.

Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129434>

Texto 15 – SIGLE, C. Tradução pedagógica: a influência de textos paralelos em atividades tradutórias no contexto de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/129404>

TESES

Texto 16 – LAIÑO, M. J. A tradução pedagógica como estratégia à produção escrita em LE a partir do gênero publicidade. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/128637>

Texto 17 – MELO, N.T. A implementação da sequência didática como estratégia à produção escrita: ressignificando a tradução no ensino de ELE. Tese (doutorado) - Universidade Federal de

Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2017. Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191457>